
SF
SABER E FÉ
16

Aviso importante!

Esta matéria é uma propriedade intelectual de uso exclusivo e particular do aluno da Saber e Fé, sendo proibida a reprodução total ou parcial deste conteúdo, exceto em breves citações com a indicação da fonte.

COPYRIGHT © 2015 - TODOS OS DIREITOS RESERVADOS - SABER E FÉ

16

DOUTRINA DA IGREJA

GILSON PEREIRA BARBOSA

SABER E FÉ

Versão da matéria: 1.0

Nossas matérias são constantemente atualizadas com melhorias e/ou possíveis correções.
Para verificar se existe uma nova versão para esta matéria e saber quais foram as alterações realizadas acesse o link abaixo.

www.saberefe.com/area-do-aluno/versoes

Sumário

03 ▶ Introdução

05 ▶ Capítulo 1 ▼ A natureza da igreja
05 ◘ Conceito
07 ◘ A igreja vista por Deus
08 ◘ As qualidades da Igreja

12 ▶ Capítulo 2 ▼ O fundamento da igreja
12 ◘ Pedro não é o fundamento da Igreja
13 ◘ A problemática em torno de Mateus 16.18
16 ◘ Teria Pedro estado em Roma?

17 ▶ Capítulo 3 ▼ A organização da igreja
18 ◘ Episcopal
18 ◘ Presbiteriana
19 ◘ Congregacional
19 ◘ Uma análise dos três sistemas
20 ◘ Ofícios ministeriais

22 ▶ Capítulo 4 ▼ A autoridade da igreja
23 ◘ Autoridade espiritual
24 ◘ Autoridade evangelística
25 ◘ Autoridade disciplinar
26 ◘ Apoio bíblico

28 ▶ Capítulo 5 ▼ As ordenanças da igreja
29 ◘ Sacramentos
29 ◘ Ordenanças

43 ▶ Capítulo 6 ▼ Os objetivos da igreja
44 ◘ A instrução bíblica
44 ◘ A harmonia fraternal
45 ◘ Evangelismo
45 ◘ Adoração

46 ▶ Conclusão

47 ▶ Referências bibliográficas

▼ Introdução

Por ser um assunto tão comentado em nossos dias, e aliás, infelizmente, quase sempre no sentido pejorativo, podemos perceber a indiferença e até o desprezo de alguns para com esta disciplina, a qual denominamos de "Eclesiologia", o estudo da doutrina da igreja.

Os vários comentários acerca da igreja por parte de alguns crentes (entenda-se – corpo visível) demonstram a falta de entendimento a respeito de qual seja a sua natureza. Para o estudante de teologia é imprescindível saber qual é o objetivo da igreja, desde sua origem, quem a projetou, qual a sua função e responsabilidade, as suas características, etc. Como Deus poderia se manifestar ao homem após a ascensão de Cristo, senão pela Igreja?

A igreja manifesta as variadas formas de Deus trabalhar, o seu intento operativo em todos os sentidos: "Para que agora, pela igreja, a multiforme sabedoria de Deus seja conhecida dos principados e potestades nos céus" (Ef 3.10).

Segundo a exposição do teólogo Michael Dusing, "a igreja foi criada e projetada por Deus. É a sua maneira de prover alimento espiritual para o crente e oferecer uma comunidade de fé através da qual o evangelho é pregado e a sua vontade progride de geração a geração".

Não obstante a igreja como comunidade local não deter o poder salvífico, no sentido espiritual, é necessário estar "dentro dela" para ser salvo. Dentro deste sentido, alguém pode fazer parte, frequentar assiduamente uma igreja, ter o seu nome no rol de membros e, no entanto, não fazer parte nem ter o seu nome arrolado na igreja mística de Cristo. A garantia de salvação não se resume meramente em idas e vindas a templos, impostas pelas "obrigações" eclesiásticas, mas em estar, antes de tudo, comprometido com o dono da igreja – o nosso Senhor Jesus Cristo.

Jesus fez menção da sua igreja em Mateus 16.18: "...e sobre esta pedra edificarei a minha igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela". No entanto, é bom que se entenda que Cristo não tinha em mente, quando afirmou isso a Pedro, um sistema denominacional, mas ele chamava os que o seguiam sem lhes oferecer uma opção religiosa, em contraposição com as religiões da época: "Nisto todos conhecerão que *sois meus discípulos*, se vos amardes uns aos outros" (Jo 13.35).

Os sectários, pseudocristãos, dizem que é obrigatória a entrada, a aderência em seu sistema religioso, para alcançar a salvação, visto que todas os outros grupos religiosos apostataram-se do cristianismo original. Contudo, vemos que se Jesus quisesse reivindicar sua exclusividade religiosa e até denominacional, deveria e poderia tê-lo feito e, no entanto, não o fez: "E, respondendo João, disse: Mestre, vimos um que em teu nome expulsava os demônios, e lho proibimos, porque não te segue conosco. E Jesus lhes disse: Não o proibais, porque quem não é contra nós é por nós" (Lc 9.49,50).

Deus, desde o início da história da raça humana, após a decadência espiritual do homem, já tinha um plano estabelecido para a readaptação espiritual deste. Este plano foi concebido por Deus desde a eternidade, passando por diversas eras, até chegar à plenitude dos tempos. O apóstolo Paulo nomeia este plano de Deus de "mistério" (Ef 1.9; 3.3,9). E este mistério revelado agora é a Igreja de Cristo.

Capítulo 1

▼ A natureza da igreja

Nem todos os sistemas organizacionais e políticos têm à sua disposição e em seu meio pessoas de níveis sociais tão diferentes quanto a igreja. O que faz com que essas pessoas, sendo tão diferentes, aspirem aos mesmos ideais e detenham a mesma esperança? Isso só pode ocorrer porque a igreja tem uma proposta totalmente oposta a das organizações. As diferenças não são excluídas, ou pelo menos não devem excluir a harmonia entre os membros, o que leva as pessoas a alimentarem muitas dúvidas sobre a natureza da igreja. Por isso é importante saber: o que é verdadeiramente a igreja? Qual o significado do termo? A igreja sempre existiu? Todos os que estão em uma igreja (sentido visível) são de fato componentes da Igreja de Cristo? (sentido invisível). A estas e outras perguntas propomos as respostas sempre nos fundamentando nas Escrituras Sagradas. Seguindo este objetivo, é importante, antes de tudo, definirmos o que é igreja.

◘ Conceito

A palavra grega que foi traduzida para igreja é *ekklesia*. É composta pela preposição *ek* (fora de) mais o verbo *kaleo* (chamar). No sentido usual entre os fiéis refere-se àquelas pessoas que Deus chamou para se separarem (para fora) do pecado a fim de viverem uma nova vida com seu Filho, Jesus Cristo.

Os mais variados dicionários teológicos apresentam significados básicos para este termo. Em primeiro lugar significa: "O corpo místico de Cristo". Neste caso é formado pelos genuínos cristãos que compreende somente os verdadeiros salvos. Segundo Wayne Grudem a igreja "... inclui todos os verdadeiros cristãos de todos os tempos, tanto os salvos do Novo como os do Antigo Testamento". O outro sentido é: "Um agrupamento dos fiéis com o propósito de adorar a Deus". Desta forma, dizemos que a igreja é tanto invisível (corpo místico de Cristo), quanto visível (ajuntamento dos crentes). Analisemos as várias aplicações:

■ **No sentido clássico**

Apresenta o hábito que tinham os cidadãos, peculiarmente os gregos, de se reunirem com uma prévia convocação para um tipo de assembleia com dimensões legislativas. A elite, que detinha o poder para tratar assuntos de interesses populares, eram os escolhidos, os "chamados para fora" de dentro da massa popular para conduzir as assembleias. Estas reuniões visavam tratar de interesses dos cidadãos comuns. Na democracia grega, as pessoas se reuniam em locais públicos para debater questões sociais, econômicas e políticas. Era a democracia direta, na qual o povo participava fielmente das decisões da sociedade. A esta assembleia os gregos chamavam de *ekklesia*.

■ **Na versão Septuaginta**

Relaciona o termo *ekklesia* com a palavra hebraica *qahal*. Ao analisarmos esta similaridade, verificamos a existência deste projeto de Deus, a Igreja, já no Antigo Testamento. Para uma prova disso, basta comprovar a tradução que a Septuaginta empregou para o texto de Deuteronômio 4.10 (Versão Almeida e Atualizada) que afirma: "Reúne este povo, e os farei ouvir as minhas palavras, a fim de que aprendam a temer-me todos os dias que na terra viver e as ensinará a seus filhos". O vocábulo "reúne", no hebraico *qahal*, foi traduzido pela Septuaginta com o sentido de "convocar uma assembleia", cujo termo grego é *ekklesiazo*, verbo da mesma raiz do substantivo *ekklesia*, que no Novo Testamento, como já referido, é igreja.

■ **No uso cristão**

A primeira dentre as mais de cem referências à igreja (*ekklesia*), no Novo Testamento, se encontra registrada em Mateus 16.18: "Pois também eu te digo que tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela". O termo aplica-se a uma congregação, onde, organizados eclesiasticamente, os fiéis se reuniam para fins de comunhão (entre si e com Cristo) e adoração. É denominada de igreja local, no sentido geográfico: "... às igrejas da Galácia" (Gl 1.2); " ... à igreja dos tessalonicenses" (1 Ts 1.1); "Saudai também a igreja que está em sua casa" (Rm 16.5). Aplica-se também o termo a toda a reunião (a Igreja mística e não local) de crentes na terra: "Grande é este mistério; digo-o, porém, a respeito de Cristo e da igreja" (Ef 5.32). Segundo alguns teólogos, o texto refere-se somente aos salvos alcançados pela morte de Cristo. Neste sentido, não há diferenças denominacionais, sociais, intelectuais, culturais, etc.

Ainda concernente à natureza da igreja, é bom que se diferencie a igreja que se vê da que não pode ser vista, pois muitos estão na igreja (visível) mas não fazem parte da Igreja (invisível). Como pode ser isso? Vejamos:

A igreja vista por Deus

A Bíblia afirma que somente Deus tem o poder de saber quem, na igreja, está listado entre os salvos: "O Senhor conhece os que são seus ..." (2Ts 2.19). Por não sabermos quem são os verdadeiramente salvos, não devemos nos escandalizar quanto às apostasias, heresias e tantas barbaridades doutrinárias entre (no meio) os genuínos cristãos.

Nos dias da igreja primitiva, o apóstolo Paulo reclamou de pessoas que estavam entre os legítimos cristãos e, no entanto, não se portavam como tais. Note, por exemplo, o caso de Himeneu e Fileto, censurados por Paulo: "Mas evita os falatórios profanos, porque produzirão maior impiedade. E a palavra desses roerá como gangrena; entre os quais são Himeneu e Fileto; os quais se desviaram da verdade, dizendo que a ressurreição era já feita, e perverteram a fé de alguns" (2Ts 2.16-18). Também em 2Tessalonicenses 4.10: "Porque Demas me desamparou, amando o presente século".

Poderíamos, em certo sentido, concluir que estes apóstatas certamente compunham a igreja, pois, os mesmos estavam regularmente nela, porém, o Senhor "... não vê como vê o homem, pois o homem vê o que está diante de seus olhos", ele "conhece os que são seus".

É exatamente por ele saber quem são os verdadeiros salvos que demonstrou a possibilidade de pessoas bem posicionadas na igreja se equivocarem no último momento: "Nem todo o que me diz: Senhor, Senhor! entrará no reino dos céus, mas aquele que faz a vontade de meu Pai, que está nos céus. Muitos me dirão naquele dia: Senhor, Senhor, não profetizamos nós em teu nome? E em teu nome não expulsamos demônios? E em teu nome não fizemos muitas maravilhas? E então lhes direi abertamente: Nunca vos conheci; apartai-vos de mim, vós que praticais a iniquidade" (Mt 7.21-23). Porventura, participaram estes da igreja mística de Cristo? Obviamente que não!

O Senhor Jesus admoestou: "Acautelai-vos, porém, dos falsos profetas, que vêm até vós vestidos como ovelhas, mas, interiormente, são lobos devoradores" (Mt 7.15). Como podemos observar, as heresias ganharam em nossos dias novas roupagens. São distorções arcaicas que remontam ao início da igreja primitiva, entretanto, entram sutilmente nas igrejas, o que comprova tantos "ventos de doutrinas" no meio evangélico.

Antes da partida do apóstolo Paulo, vemos que ele aconselhou os irmãos: "Porque eu sei isto que, depois da minha partida, entrarão no meio de vós lobos cruéis, que não pouparão ao rebanho" (At 20.29). Entretanto, a despeito dos ataques nocivos de Satanás à igreja, geograficamente falando, ele não pode destruir a Igreja invisível de Cristo, pois "... as portas do inferno não prevalecerão contra ela".

As qualidades da Igreja

Definir plenamente a natureza da Igreja de Cristo é por demais ilusório, pois ela é muito abrangente. Assim como no estudo da paracletologia em que lançamos mão do uso de símbolos para facilitar a compreensão sobre seus atributos, também na eclesiologia usamos metáforas, figuras e símbolos para compreendermos sua natureza. A igreja não é uma organização meramente, mas antes um organismo vivo, dinâmico e atuante. A Bíblia afirma que ela é:

Povo de Deus

Sabemos que por *criação* Israel é o povo de Deus. Todo o Antigo Testamento gira em torno de Deus e do povo de Israel. Esta criação se fortaleceu quando Deus chamou a Abraão e lhe fez uma promessa: "E far-te-ei uma grande nação, e abençoar-te-ei e engrandecerei o teu nome; e tu serás uma bênção [...] e em ti serão benditas todas as famílias da terra" (Gn 12.2,3).

Deus tinha para com Israel compromissos no âmbito espiritual, social e material: "Agora, pois, se diligentemente ouvirdes a minha voz e guardardes a minha aliança, então sereis a minha propriedade peculiar dentre todos os povos, porque toda a terra é minha. E vós me sereis um reino sacerdotal e o povo santo" (Ex 19.5,6). Haveria de ter uma reciprocidade de Israel para com Deus, pois, o Senhor já os tinha escolhido: "E andarei no meio de vós, e eu vos serei por Deus, e vós me sereis por povo" (Lv 26.12).

No período do Novo Testamento, na era chamada de "...o ministério do Espírito" (2Co 3.8), Deus escolheu fazer dos crentes salvos sua Igreja e seu povo: "...como Deus disse: Neles habitarei, e entre eles andarei; e eu serei o seu Deus e eles serão o meu povo" (2Co 6.16). O que Israel representava para Deus, como seu povo, a igreja hodierna passou a representar: "Mas vós sois a geração eleita, o sacerdócio real, a nação santa, o povo adquirido, para que anuncieis as virtudes daquele que vos chamou das trevas para a sua maravilhosa luz" (2Pe 2.9).

A prova de que o povo de Israel era propriedade exclusiva de Deus se evidencia pelo pacto da circuncisão feito inicialmente entre Deus e Abraão e passando este modelo a todos os descendentes: "Esta é a minha aliança, que guardareis entre mim e vós, e a tua descendência depois de ti: Que todo o homem entre vós será circuncidado" (Gn 17.10). A circuncisão advogada por Deus no Novo Testamento, para o seu povo, a igreja, deve ser feita não mais na carne, e sim, no coração: "...é judeu o que o é no interior, e circuncisão a que é do coração, no espírito, não na letra" (Rm 2.29).

A Palavra de Deus afirma que o Senhor escolheu um povo formado entre gente de todas as nações, substituindo temporariamente a aliança com Israel: "... somos nós, a quem também chamou, não só dentre os judeus, mas também dentre os gentios" (Rm 2.24).

■ **Corpo de Cristo**

Esta expressão, tão utilizada por Paulo, é sem dúvida uma das melhores e mais ricas metáforas para caracterizarmos a verdadeira natureza da Igreja de Cristo. Leiamos separadamente alguns textos:

- ✓ "Ora, vós sois o corpo de Cristo, e seus membros em particular" (1Co 12.27).
- ✓ "Assim nós, que somos muitos, somos um só corpo em Cristo" (Rm 12.5).
- ✓ "Querendo o aperfeiçoamento dos santos, para a obra do ministério, para edificação do corpo de Cristo" (Ef 4.12).
- ✓ "Regozijo-me agora no que padeço por vós, e na minha carne cumpro o resto das aflições de Cristo, pelo seu corpo, que é a igreja" (Cl 1.24).

Sobre a Igreja ser o corpo de Cristo podemos extrair várias e maravilhosas lições dentre as quais destacamos:

Cristo é a cabeça da Igreja

Este princípio de autoridade e liderança sobre o "corpo" só poderia ser comprovado se realmente Cristo fosse a parte mais importante deste corpo, no caso, a cabeça. É exatamente isso o que a Bíblia afirma em Colossenses 1:18: "E ele é a cabeça do corpo, da igreja; é o princípio e o primogênito dentre os mortos, para que em tudo tenha a preeminência".

Os crentes salvos são membros deste corpo: "Porque, assim como o corpo é um, e tem muitos membros, e todos os membros, sendo muitos, são um só corpo, assim é Cristo também" (1Co 12.12).

Sendo os salvos parte deste corpo, são sustentados pela cabeça, que é Cristo, pois ele é a fonte da igreja e sobre ela tem a primazia: "Porque nele foram criadas todas as coisas que há nos céus e na terra, visíveis e invisíveis, sejam tronos, sejam dominações, sejam principados, sejam potestades. Tudo foi criado por ele e para ele. E ele é antes de todas as coisas, e todas as coisas subsistem por ele. E ele é a cabeça do corpo, da igreja; é o princípio e o primogênito dentre os mortos, para que em tudo tenha a preeminência" (Cl 1.15-18).

União e reciprocidade

A vida cristã é vida em sociedade e não de forma desacompanhada. Este conceito remete à responsabilidade para com o próximo fazendo com que "...cada um considere os outros superiores a si mesmo" (Fl 2.3). Não podemos afirmar que realmente somos membros deste corpo se não há companheirismo e interdependência. O conjunto todo forma o corpo, pois "... o corpo é um, tem muitos membros, e todos os membros, sendo muitos, são um só corpo" (1Co 12.12).

Desta forma, temos de auxiliar, caso seja necessário, aqueles que estão passando por situações embaraçosas: "Levai as cargas uns dos outros, e assim cumprireis a lei de Cristo" (Gl 6.2), e não julgar precipitadamente, mas, restabelecer novamente aquele que pecou: "Irmãos, se algum homem chegar a ser surpreendido nalguma ofensa, vós, que sois espirituais, encaminhai o tal com espírito de mansidão; olhando por ti mesmo, para que não sejas também tentado" (Gl 6.1). Isto não desmerece os casos em que a pessoa é passível de repreensão e disciplina, conforme atesta Mateus 18.15-17, o que somente um líder eclesiástico poderá sancionar.

Diversidade

Embora deva existir a união na igreja, a Bíblia salienta o aspecto diverso, o que não contraria o princípio de uniformidade proposto por Cristo. Esta diversidade é bíblica, pois "... o corpo [igreja] não é um só membro, mas muitos" (1Co 12.14). Analogicamente, Paulo declarou que "... nem todos os membros têm a mesma operação" (Rm 12.4). Isto é fato comprovado tanto pelos dons espirituais (1Co 12.7-10, 30), quanto pelas funções eclesiais hierárquicas (1Co 12.28,29; Ef 4.11).

Conforme Michael Dusing, "Deus formou a Igreja de tal maneira que ela funciona melhor quando cada parte (ou membro) cumpre com eficiência o papel (ou vocação) a que foi destinado. Esta diversidade não permite, ou libera, que haja partidos ou facções na igreja, exemplo do que aconteceu na igreja de Corinto (1Co 1.12,13; 3.3-7), antes, deve prevalecer a unidade".

Templo do Espírito Santo

A Igreja como templo do Espírito nos proporciona prazer indelével. Isto porque foi ele quem "inaugurou" a igreja de Cristo, no dia de Pentecostes, ainda em seu processo embrionário.

O Espírito Santo habita na Igreja, tanto coletivamente como individualmente: "Não sabeis vós que sois o templo de Deus e que o Espírito de Deus habita em vós?" (1Co 3.16). Os salvos são "... santuários dedicados ao Senhor [...] para habitação de Deus no Espírito" (Ef 2.21,22).

Pode ser vista a legitimidade da Igreja quando as qualidades do Espírito Santo são vivenciadas pela mesma: "Mas o fruto do Espírito é: amor, gozo, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fé, mansidão, temperança" (Gl 5.22). Se de fato a igreja é templo do Espírito Santo, então, estas qualidades perdurarão nela.

Após a ascensão de Cristo, foi referida por ele a incontestável presença do Espírito Santo na igreja: "Todavia digo-vos a verdade, que vos convém que eu vá; porque, se eu não for, o Consolador não virá a vós; mas, quando eu for, vo-lo enviarei" (Jo 16.7).

O Espírito Santo foi o promotor de ousadia entre discípulos (At 1.8; 2.4,14; 3.12; 4.19,20; 5.41; 6.7; 8.5) e o responsável pelo crescimento da igreja (Jo 16.8,9; At 2.41; 4.4; 5.14; 6.1,7; 8.7,8). Sua atuação no início da igreja primitiva cristã foi essencial (Jo 14.26; At 4.19,20; 11.44; 11.5-12). É o Espírito Santo que confere à igreja a santidade e pureza: "Eleitos segundo a presciência de Deus Pai, *em santificação do Espírito*, para a obediência e aspersão do sangue de Jesus Cristo: Graça e paz vos sejam multiplicadas" (1Pe 1.2).

Esta santidade da igreja (visível) deve ser constantemente buscada, pois, sob a nova aliança ela é o templo do Espírito Santo: "Ou não sabeis que o vosso corpo é o templo do Espírito Santo, que habita em vós, proveniente de Deus, e que não sois de vós mesmos? Porque fostes comprados por bom preço; glorificai, pois, a Deus no vosso corpo, e no vosso espírito, os quais pertencem a Deus" (1Co 6.19,20).

Capítulo 2

▼ O fundamento da Igreja

Teria o apóstolo Pedro a soberania jurisdicional pontificial? Faz sentido toda a dialética papal, quanto a ser Pedro o primeiro na linha ininterrupta de bispos católicos? As sucessões papais têm o endosso da história?

Em hipótese alguma devem pairar dúvidas na mente dos fiéis católicos sobre esta questão, sob pena de ser amaldiçoado. Ficou harmonizado no *Concílio Ecumênico Vaticano I*: "Se alguém afirmar que Pedro, por instituição do próprio Cristo ou por direito divino, não tem perpétuos sucessores no primado sobre a Igreja Universal, ou não ser o Romano Pontífice o sucessor de Pedro no mesmo primado, seja anátema".

Afinal, seria Pedro o fundamento da Igreja? As justificativas apresentadas a respeito deste "fato" são convincentes? Analisemos a indagação.

◘ Pedro não é o fundamento da Igreja

Que tudo não passa de um sofisma da teologia romana já está comprovado, pois os católicos romanos desconsideraram os meios para se chegar a esta interpretação. A igreja católica romana, em última instância, admite que Pedro seria o fundamento suplementar. Ou seja, se Jesus é o fundamento invisível, Pedro seria o visível e com poderes soberanos (eclesiásticos e espirituais) iguais a Cristo. Visível por ter a primazia no que concerne a ser ele o primeiro da sucessão papal, e invisível por ser o vigário de Cristo na terra.

É importante observarmos que:

1. Pedro aclamou a Cristo quando este indagou os discípulos: "Quem dizem os homens ser o Filho do Homem?" (Mt 16.13). Ao que Pedro prontamente respondeu: "Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo" (Mt 16.16). Entendemos desta assertiva que o falível e humano Pedro está declarando a superioridade de Jesus. Caso fosse ele o fundamento da igreja, não soaria tal afirmação como uma incoerência?

2. O apóstolo Paulo deixa claro a não exclusividade de Pedro, equiparando-o aos demais apóstolos referendados no texto: "Edificados sobre o fundamento dos apóstolos e dos profetas, de que Jesus Cristo é a principal pedra da esquina" (Ef 2.20).

Não obstante a obviedade de ter Pedro se escondido na expressão "apóstolos", em que encontramos, neste texto, a sua pretendida exclusividade? Entendemos expressamente que Jesus é o "fundamento" das Escrituras Sagradas, e a " principal pedra". Em que consiste a primazia de Pedro aqui? Encontrá-la é ver no texto o que se quer ver e não o que o texto por si só afirma.

3. É fácil observar, pelos evangelhos, a vulnerabilidade de Pedro em diversos aspectos e em muitos episódios. Dizer que a igreja está fundamentada em Pedro é como construir uma casa na areia (Mt 7.24-29). As passagens bíblicas em que observamos um Pedro intrépido (At 4.19), desinibido (At 1.15; 2.14), operando milagres em nome de Jesus (At 3. 6), repreendendo com autoridade (At 5.1-11), pregando aos gentios (At 10.34-43), liderando o Concílio de Jerusalém (15.7), não suplantam, por exemplo, toda a investida de Paulo na proliferação do cristianismo e da igreja primitiva, o que o próprio livro dos Atos dos Apóstolos deixa explícito ao denotar, em suas páginas, a maior intensidade e superioridade e abrangência do ministério de Paulo face ao de Pedro.

Pedro demonstra pelas páginas dos evangelhos não ser, sem sombra de dúvidas, o fundamento sobre a qual a Igreja de Cristo estaria alicerçada. Em contrapartida, temos, em Jesus, uma inamovível confiança pois, ele nos confortou dizendo: "É-me dado todo o poder no céu e na terra [...] e eis que eu estou convosco todos os dias, até a consumação dos séculos" (Mt 28.18,20).

◘ A problemática em torno de Mateus 16.18

> "Pois também eu te digo que tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela"

"KAGÔ DE SOI LEGÔ OTI SU EI PETROS KAI EPI TAUTÊ TÊ PETRA OIKODOMÊSÔ MOU TÊN EKKLÊSIAN KAI PULAI ADOU OU KATISKHUSOUSIN AUTÊS"

Sem dúvida alguma este é o texto em que se trava um dos maiores embates teológicos entre a teologia romana e a protestante. Caso ficasse comprovado ser a interpretação romana verdade incontestável para os aplausos dos clérigos católicos, não obstante ter de lutarem para desmoronar toda a hermenêutica em outros textos, já seria um grande apoio aos teólogos romanistas. Entretanto, podemos extrair alguns elementos contra a defesa romana. Vejamos:

1. Há no texto grego uma correlação entre os vocábulos gregos TÊ PETRA com Mateus 16.16 em que aparece O KHRISTOS. Este é um caso de paralelismo e uniformidade gramatical em que TE PETRA simboliza, metaforiza, O KHRISTOS. É importante também observar que, justamente neste texto, tão propagado sobre ser Cristo o fundamento, não precede o artigo antes do substantivo próprio Pedro.

2. A semelhança morfológica entre os vocábulos PETROS e PETRA é distinta, porém, no que concerne à aplicação. Não apresentam diferenças apenas no gênero, mas na nomeação de objetos dessemelhantes. Os melhores e mais respeitados léxicos da língua grega, dicionários e concordâncias, são uniformes no pensamento de que PETROS significa um pedaço de rocha, uma pedra, pedra solta. Trazemos a informação da *Concordância Exaustiva* de Strong: "*Petros*, nome próprio do gênero masculino, que significa um pedaço da rocha, e *Petra*, substantivo comum do gênero feminino que expressa a rocha sobre a qual edificaria (Jesus) a sua igreja".

3. Uma análise no original mostra-nos as distinções entre os vocábulos PETROS e PETRA, e em outras colocações poderíamos identificar incoerências que poderíamos julgar contradições. Note, por exemplo, que Jesus utilizou a expressão EPI TAUTÊ TÊ PETRA, que significa *sobre esta pedra*, relacionando com a declaração de Pedro (Mt 16.16). Caso Jesus quisesse dar a honra do fundamento da igreja a Pedro, deveria dizer EPI TOUTO TO PÉTROS, ou seja, *sobre este Pedro*, ele (Jesus) edificaria a sua Igreja.

Outro episódio propício encontra-se em João 1.42 em que falou Jesus: "tu serás chamado Cefas [*Kephas*]", nome próprio em aramaico que significa pedra. Porém, deste texto, João continua "... que quer dizer Pedro". Há coerência entre os termos *Cefas* e *Petros*. Ambos significam fragmentos de *pedra*. Afora toda essa polêmica, Mateus, poderia resolver toda esta problemática dizendo de Pedro: "Tu és pedra [Petros] e sobre esta pedra [Petros]".

4. Valendo-se da regra da hermenêutica, uma ferramenta de extrema importância da teologia, podemos verificar pelo contexto que a mesma não dá qualquer possibilidade sobre ser Pedro a pedra sobre a qual estaria fundamentada a igreja.

Principiando pelo Antigo Testamento, notamos a importância do vaticínio do profeta Isaías (28.16): "Portanto assim diz o Senhor Deus: Eis que eu assentei em Sião uma pedra, uma pedra já provada, pedra preciosa de esquina, que está bem firme e fundada; aquele que crer não se apresse".

Deu-se, já no Novo Testamento, este cumprimento (antítipo) em Jesus e por ele mesmo reivindicado: "Diz-lhes Jesus: Nunca lestes nas Escrituras: A pedra, que os edificadores rejeitaram, essa foi posta por cabeça do ângulo" (Mt 21.42). Meditando no sentido da palavra pedra, podemos concluir que Jesus é o fundamento. Leia atentamente os textos a seguir:

- ✓ "Ele é a pedra que foi rejeitada por vós, os edificadores, a qual foi posta por cabeça de esquina" (At 4.11);
- ✓ "E beberam todos de uma mesma bebida espiritual, porque bebiam da pedra espiritual que os seguia; e a pedra era Cristo" (1Co 10.4);
- ✓ "Edificados sobre o fundamento dos apóstolos e dos profetas, de que Jesus Cristo é a principal pedra da esquina" (Ef 2.20);
- ✓ "E, chegando-vos para ele, pedra viva, reprovada, na verdade, pelos homens, mas para com Deus eleita e preciosa" (1Pe 2.4).

É importante saber que a Bíblia se refere aos crentes como sendo "pedras" também: "Vós também, como pedras vivas, sois edificados casa espiritual e sacerdócio santo, para oferecer sacrifícios espirituais agradáveis a Deus por Jesus Cristo" (1Pe 2.5). Entretanto, jamais encontraremos o vocábulo grego *petra* sendo direcionado ao ser humano.

O termo empregado por Pedro neste texto, no original grego é *lithos* e significa "pedra". As "pedras vivas" (*lithoi zontes*), foram trabalhadas, desbastadas por Cristo para serem embutidas corretamente neste empreendimento divino. Estas pequenas pedras não são mais importantes, com certeza, do que a "principal pedra da esquina".

Uma informação rica nos adiciona a obra de Stanley Horton sobre a "pedra principal da esquina": "Nas edificações modernas, a pedra da esquina é usualmente a mais simbólica da parte integrante dos alicerces, em que é gravada a data em que foi lançada e os nomes dos principais benfeitores envolvidos. Na era bíblica, a pedra da esquina era da máxima relevância. Normalmente maior que as demais pedras, orientava o desenvolvimento do projeto para o restante da edificação e conferia simetria à obra".

Teria Pedro estado em Roma?

"E, saindo, partiu para outro lugar" (At 12.17).

Roma, Antioquia ou qualquer outra localidade. Para onde foi Pedro após ser liberto da prisão por um anjo?

Não obstante a Bíblia trazer um silêncio sobre o assunto, os católicos afirmam ser fato incontestável ter sido o apóstolo Pedro o fundador da igreja em Roma. Atribuem-lhe ainda um pontificado de 25 anos, na capital do Império, e consequente morte neste lugar. É claro que estas ligações são a priori de valor inestimável, pois entrelaçadas vão robustecer a tese vaticana da primazia do papado. Contudo, há de se frisar que somente a chamada tradição vem em socorro das causas romanistas nestas horas e, mesmo assim, de maneira dúbia.

Pedro não pode ter sido papa durante 25 anos, pois foi martirizado no reinado do Imperador Nero, por volta do ano 67-68 d.C. Subtraindo-se 25 anos, retrocederemos ao ano de 42 ou 43. Nessa época não havia se realizado o Concílio de Jerusalém (At 15), que se deu por volta de 48-49 d.C., do qual Pedro participou (mas não deveria, pois segundo a tradição, nesta época, ele estava em Roma), no entanto, foi Tiago quem o presidiu (At 15.13-21).

No ano 58 d.C., Paulo escreveu a epístola aos Romanos. E no capítulo 16 dirigiu uma saudação para muitos irmãos, mas Pedro sequer é mencionado. Paulo chegou a Roma no ano 62 d.C., e foi visitado por muitos irmãos (At 28.30-31), todavia, nesse período, não há qualquer menção de Pedro. O apóstolo Paulo escreveu quatro cartas de Roma: Efésios, Colossenses, Filemom (62 d.C.) e Filipenses (entre 67/68 d.C.), mas Pedro não é mencionado em qualquer delas.

Se Pedro estava em Roma no ano 60 d.C., como se deve entender a revelação referida no livro de Atos, em que Jesus disse a Paulo: "Importa que dês testemunho de mim também em Roma?" (At 23.11). Pedro não deveria estar cumprindo esta função? Onde se encontrava o suposto papa de Roma nesta ocasião?

É por estas e outras razões que não acreditamos que Pedro tenha fundado ou presidido a Igreja de Roma como afirmam os católicos.

Capítulo 3

▼ A organização da Igreja

Seria contraditório se não houvesse uma organização eclesiástica, pois, o nosso Deus é partidário da ordem, ou melhor, ele é essencialmente organizado: "Porque Deus não é Deus de confusão" (1Co 14.33). Assim, afirmamos que a Igreja é tanto um organismo como uma organização e, diante disso, propomos neste capítulo tratar das diversas formas de governo da igreja.

Face ao sentimento de rejeição que alguém pode incorrer quanto à proposta de analisarmos tais formas de governos, é importante saber que algumas seitas, por exemplo, as Testemunhas de Jeová, exercem um sistema centralizador reportando-se ao sistema da igreja primitiva e até apoiando-se na ideia de que adotam idêntico sistema. Mas, existe uma forma de governo eclesiástico ideal? Quem dita as normas à igreja?

As três formas proeminentes da ordem governamental eclesiástica utilizadas são: Episcopal, Presbiteriana e Congregacional. Não é, nesse estudo, nossa intenção defendermos ou contrariarmos um ou outro sistema, mas somente informar sobre os tais. Passaremos a analisar cada sistema eclesiástico.

Episcopal

A origem da palavra episcopal na língua grega remete ao vocábulo *episkopos*, que significa "supervisor", traduzido seguidamente por "bispo" ou "superintendente". Comparado aos outros, é o sistema eclesiástico mais antigo. O líder principal revestido de autoridade é o *arcebispo*, tendo à sua disposição o "domínio" sobre vários bispos. Basicamente, este sistema apoia seu pensamento na certeza de que os sucessores dos apóstolos (bispos) foram legalmente constituídos por Cristo, obtendo de sua liberação o controle da igreja na Terra.

Os que defendem esse sistema ou usufruem dele, alegam que se deu este desenvolvimento naturalmente no início da igreja. Acreditam estes, que após a morte do apóstolo João, naturalmente e sob sua aprovação, um bispado foi surgindo em cada igreja enquanto os apóstolos (originais) faleciam, e, pouco a pouco se tornou em grandes proporções com extremos poderes.

Entre as igrejas que adotaram este sistema, a igreja Católica Romana é a mais "aguerrida defensora" e, apesar de existir vários bispos, um só é autoridade infalível, o Papa. As reivindicações e justificativas repousam na teoria de que Pedro foi o primeiro papa e que logo após a morte deste teria se iniciado uma série de sucessões papais, predominante hodiernamente.

Menos fervorosos do que a igreja católica nesta reivindicação, mas, participantes do sistema episcopal, são: a Igreja Anglicana, a Igreja Metodista Unida, a Igreja de Deus (pentecostais dos EUA) e a Igreja da Santidade Pentecostal (EUA).

Presbiteriana

No sistema presbiteriano não há a centralização da autoridade ou dos direitos em alguém, contudo, há um representante, escolhido pela igreja local, através do sistema de eleição, que representa a igreja nas atividades eclesiásticas. O representante, neste sistema, é denominado de presbítero (gr. *presbuteros*), e vemos sua presença, por exemplo, em Atos 11.30: "O que eles com efeito fizeram, enviando-o aos anciãos (presbíteros) por mão de Barnabé e de Saulo".

As decisões básicas eclesiais, no sistema presbiteriano, são tomadas por sequenciais concílios. Os presbíteros são responsáveis pelo governo das igrejas de determinadas áreas jurisdicionais. Fazem parte do presbitério os membros que compõem um conselho, ou uma assembleia. Este presbitério deve respeito ao superior hierárquico, o pastor da igreja, que não deixa de ser um presbítero, cuja autoridade é exercita sobre os demais presbíteros das igrejas locais. Em um patamar mais elevado, e de maior autoridade eclesiástica, está a Assembleia Geral ou Supremo Concílio, o órgão máximo do sistema presbiteriano. Entre as igrejas que se utilizam deste sistema está a Presbiteriana e a Assembleia de Deus.

◘ Congregacional

Cada igreja local, geograficamente, exerce poderes eclesiásticos, sendo que as decisões tomadas pela congregação (de crentes) são investidas de autoridade. É o sistema em que mais se executa a democracia, pois, coloca em ascendência a vontade dos "leigos". Decisões de extrema importância são tomadas pelos membros da congregação, denotando que todo o poder emana do povo, sendo que, nenhum poder externo tem a supremacia, e as decisões não podem ser revogadas por nenhum corpo eclesiástico. A compra e venda de propriedades, a escolha e até o orçamento do pastor, por exemplo, neste sistema, é feito totalmente sob a "aprovação" dos membros congregacionais. Porém, isto não isenta uma determinada congregação de deter uma representação pastoral e até mesmo um corpo eclesiástico. Destacamos, neste modo, as igrejas Batistas e Congregacionais.

◘ Uma análise dos três sistemas

Obviamente, cada aderente de um sistema se apoia contundentemente nele, entendendo que sua forma se estabelece e se fundamenta no modelo da igreja primitiva. Às vezes, o sistema adotado na igreja primitiva se mescla e deixa algumas incertezas se realmente há um único modelo. Podemos observar pelos diversos aspectos, ao analisar os textos bíblicos, que os apóstolos não ofereceram um sistema cabal. Há fragmentos, na igreja primitiva, dos três sistemas de governo mencionados. Para percebermos este fato, basta observarmos estes textos de 1Timóteo 3.1-7 e Tito 1.5-9, que transcrevemos parcialmente:

- ✓"...se alguém deseja o *episcopado* [...] convém, pois, que o *bispo*" (1Tm 3.1,2);
- ✓" ...de cidade em cidade estabelecesses *presbíteros* [...] convém que o *bispo*" (Tt 1.5,7).

Conforme já estudado, *episcopo* (bispo, superintendente) se relaciona com o sistema Episcopal, e *presbuteros* (presbítero, ancião), com o sistema Presbiteriano. O que analisamos no texto de Tito 1.5-9, especialmente nos versículos 5 e 7, é que os termos *episcopos* e *presbuteros* estão sendo usados de forma intercambiável. Entretanto, já não parece ter qualquer relação em textos tais como Atos 15.4,22 e Filipenses 1.1.

Para assinalar seu sistema, os aliados da forma Episcopal, em que o bispo é a autoridade suprema, defendem que no Concílio de Jerusalém o apóstolo Tiago norteou a reunião, o que o qualificaria como tendo autoridade de bispo. A forma presbiteriana de governo eclesiástico, por sua vez, afirma da mesma reunião que Tiago foi apenas o mediador, cabendo às lideranças seletas apresentar as decisões às igrejas competentes. Há alusão, no Novo Testamento, em que transparece o sistema congregacional quando, por exemplo, a congregação da igreja primitiva nomeava os líderes que eram encarregados de preservar a pureza doutrinária e até concordar na disciplina (At 6.2-4; 14.23).

Qualquer um dos três modelos, seguidos pelos grupos denominacionais atualmente, encontra respaldo nas Escrituras, porém, salientamos que independente do sistema adotado, importante é ter Cristo como o "Sumo Pastor" (1Pe 5.4). Qualquer sistema de governo eclesiástico que não observe isso estará destinado à bancarrota. A conclusão de W.D. Davies é de proveitosa meditação: "O critério neotestamentário ulterior de qualquer ordem eclesiástica é que não usurpe a coroa real do Salvador dentro de sua Igreja".

◘ Ofícios ministeriais

> "Ele mesmo deu uns para apóstolos, e outros para profetas, e outros para evangelistas, e outros para pastores e doutores" (Ef 4.11).

Este texto evidencia que Deus escolhe alguns para um ministério específico. Nesta lista (Ef 4.11) há menção dos cargos (ministérios) presentes na igreja primitiva. Adiante, nas cartas enviadas às igrejas, há citação de outros cargos, os quais nomeamos de "cargos administrativos", que são os bispos, presbíteros e diáconos. Comentaremos as funções ministeriais mais requisitadas atualmente.

■ Presbítero, bispo, pastor

Os termos bíblicos *episcopos* e *presbuteros* são harmônicos posicionalmente com a função de pastor nos dias atuais. No período do Novo Testamento estas expressões eram usadas, conforme já analisamos, de forma intercambiáveis.

Sugestiva é a opinião que menciona o governo da sinagoga, pelos anciãos, relacionado-os com os "presbíteros" ou "anciãos" das igrejas primitivas. O pastor, atualmente, é aquele que inspeciona com dignidade, em todos os aspectos, especialmente o espiritual, uma igreja local (jurisdição).

Não importa como podemos aludir aos superiores eclesiásticos, pois, termos como "supervisor", "presbítero", "ancião", "bispo", "pastor" estão vinculados pela mesma essência ao trazer-nos à memória as inúmeras obrigações e responsabilidades que lhes são conferidas.

Há uma aplicação simultânea dos termos "bispo", "pastor" e "presbítero" no texto de Atos 20.17,28: "E de Mileto mandou a Éfeso, a chamar os anciãos (*presbuteros*) da igreja [...] Olhai, pois, por vós, e por todo o rebanho sobre que o Espírito Santo vos constituiu bispos (*episkopous*), para apascentardes (*poimainein*) a igreja de Deus, que ele resgatou com seu próprio sangue".

O vocábulo pastor, no original grego, é *poimên*. É da alçada pastoral administrar, pastorear (cuidar das "ovelhas") e instruir. Um detalhe interessante é que a Bíblia (Ef 4.11) adjetiva ou adiciona ao pastor a responsabilidade de mestre ou doutor: "...e outros para pastores e doutores". Entendemos disto que, nem todo o mestre é pastor, porém, todo o pastor é mestre. O que está em pauta é o genuíno e responsável ensino e instrução pastoral à igreja de Deus.

Acima de toda a autoridade pastoral, há um Pastor maior, o nosso Senhor Jesus Cristo: "Porque éreis como ovelhas desgarradas; mas agora tendes voltado ao Pastor e Bispo das vossas almas" (1Pe 2.25). Analisando por este prisma, o pastor também é ovelha, não cabendo aqui a expressão "ovelha gera ovelha", jargão este utilizado algumas vezes de forma a omitir o trabalho evangelístico pastoral.

■ **Diácono**

Esta expressão provém do grego *diakonos*. É também uma outra função ministerial da igreja. Quando Jesus afirmou o objetivo de sua vinda ao mundo, em Marcos 10.45, usou os vocábulos gregos *diakonêthênai* e *diakonêsai*: "Porque o Filho do homem também não veio para ser servido (*diakonêthênai*), mas para servir (*diakonêsai*) e dar a sua vida em resgate de muitos".

Diáconos, segundo o fiel significado do termo, são *servos* ou *ministros*. Alguns defendem a tese de que existiam *diaconisas* na igreja primitiva, reivindicando textos bíblicos em que a exposição vislumbra esse ofício às mulheres, como por exemplo Romanos 16.1: "Recomendo-vos, pois, Febe, nossa irmã, a qual serve (*diakonon*) na igreja que está em Cencreia".

De difícil interpretação são alguns textos que conferem às mulheres as prerrogativas do ministério diaconal. Contudo, apesar de não haver claras (diretas) definições hermenêuticas sobre a questão, isto não impede que as mulheres exerçam o diaconato por potencialidade, obviamente, respeitando o sistema de governo de cada denominação.

Capítulo 4

▼ A autoridade da Igreja

Para que a importância e a autoridade da igreja seja comprovada não é necessário ser ela o governo de uma nação. Houve um período em que a igreja (Católica Romana) detinha maior poder do que o governo nacional. A igreja incorporada ao poder governamental acabou por se distanciar dos valores eclesiais e espirituais, culminado em grave declínio moral e ético. É óbvio que este fato não contradiz as autoridades evangélicas constituídas no governo federal, eleitas democraticamente, e que podem servir de âncora atinente à moral da nação e da boa recepção da igreja (protestantes) por parte das autoridades civis.

Se a igreja não influencia mais o Estado, como no passado, contudo, a parte dele, ela é uma instituição poderosa e independe de seus estratagemas para seu bom andamento e sua permanência ativa nos dias atuais. A igreja tem o poder de modificar uma nação em todos os aspectos, fato real e experimentado, porém, sem reconhecimento por parte das autoridades governamentais. Podemos presenciar o poder e a autoridade da igreja em alguns prospectos. Vejamos os tipos de autoridade que a igreja detêm.

◘ Autoridade espiritual

A igreja utiliza o seu poder incessantemente contra as forças espirituais demoníacas. Há um mundo espiritual em que os exércitos das trevas liderados por Satanás travam intensa batalha contra a Igreja de Cristo. A medida em que chegasse o fim dos tempos esse embate ganharia proporções diversas e dramáticas, o que podemos verificar claramente vaticinado na Bíblia: "Mas o Espírito expressamente diz que nos últimos tempos apostatarão alguns da fé, dando ouvidos a espíritos enganadores, e a doutrinas de demônios" (1Tm 4.1).

A influência maligna, que intencionalmente lança seus ataques sobre a Igreja pode ser confirmada pelas passagens bíblicas apontadas a seguir:

- ✓"Sabemos que somos de Deus, e que todo o mundo está no maligno" (1Jo 5.19);
- ✓"E foi precipitado o grande dragão, a antiga serpente, chamada o Diabo, e Satanás, que engana todo o mundo; ele foi precipitado na terra, e os seus anjos foram lançados com ele" (Ap 12.9);
- ✓"Nos quais o deus deste século cegou os entendimentos dos incrédulos, para que lhes não resplandeça a luz do evangelho da glória de Cristo, que é a imagem de Deus" (2Co 4.4).

O apóstolo Paulo delineou o objetivo primordial à igreja de Corinto quando afirmou: "Porque, andando na carne, não militamos segundo a carne. Porque as armas da nossa milícia não são carnais, mas sim poderosas em Deus para destruição das fortalezas" (2Co 10.3,4).

A igreja deve usar as armas ideais e necessárias para destruir as fortalezas de Satanás. Entre as várias armas importantes à disposição da Igreja para a demolição das fortalezas de Satanás, destacamos a oração e a obediência incondicional às Escrituras Sagradas.

O apóstolo Paulo, novamente, em Efésios 6.10-18, enumera as armas, tanto de defesa quanto de ataque, que estão à mercê da Igreja: "No demais, irmãos meus, fortalecei-vos no Senhor e na força do seu poder. Revesti-vos de toda a armadura de Deus, para que possais estar firmes contra as astutas ciladas do diabo. Porque não temos que lutar contra a carne e o sangue, mas, sim, contra os principados, contra as potestades, contra os príncipes das trevas deste século, contra as hostes espirituais da maldade, nos lugares celestiais. Portanto, tomai toda a armadura de Deus, para que possais resistir no dia mau e, havendo feito tudo, ficar firmes. Estai, pois, firmes, tendo cingidos os vossos lombos com a verdade, e vestida a couraça da justiça; e calçados os pés na preparação do Evangelho da paz; tomando sobretudo o escudo da fé, com o qual podereis apagar todos os dardos inflamados do maligno. Tomai também o capacete da salvação, e a espada do Espírito, que é a palavra de Deus; orando em todo o tempo com toda a oração e súplica no Espírito, e vigiando nisto com toda a perseverança e súplica por todos os santos".

Este poder que a Igreja detém sobre as hostes satânicas foi experimentado pela igreja primitiva em vastas ocasiões. Elimas, o mágico, experimentou a escuridão visual em plena luz do dia, ao provocar a paciência evangelizadora do apóstolo Paulo, quando este anunciava Jesus ao procônsul Sérgio Paulo: "Todavia Saulo, que também se chama Paulo, cheio do Espírito Santo, e fixando os olhos nele, disse: Ó filho do diabo, cheio de todo o engano e de toda a malícia, inimigo de toda a justiça, não cessarás de perturbar os retos caminhos do Senhor? Eis aí, pois, agora contra ti a mão do Senhor, e ficarás cego, sem ver o sol por algum tempo. E no mesmo instante a escuridão e as trevas caíram sobre ele e, andando à roda, buscava a quem o guiasse pela mão" (At 13.9-11).

Igualmente, a arte divinatória professada por certa jovem teve sua repreensão, pois era de origem diabólica: "E aconteceu que, indo nós à oração, nos saiu ao encontro uma jovem, que tinha espírito de adivinhação, a qual, adivinhando, dava grande lucro aos seus senhores [...] e isto fez ela por muitos dias. Mas Paulo, perturbado, voltou-se e disse ao espírito: Em nome de Jesus Cristo, te mando que saias dela. E na mesma hora saiu" (At 16.16,18).

A autoridade espiritual na igreja primitiva condizente a alguns era tamanha que até mesmo casos que poderíamos considerar como infrações leves foram tratados de forma enérgica, e sob o endosso do Espírito Santo. Temos como exemplo o caso de Ananias e Safira em Atos 5.1-10. Estes exemplos podem ser destinados, ainda hoje, para a Igreja de Cristo na Terra, ou seja, a igreja hodierna tem autoridade espiritual para opor-se aos ataques demoníacos e desestruturar o poderio maligno sobre a Igreja.

◘ Autoridade evangelística

O debate teológico entre protestantes e católicos ainda encontra-se acalorado no texto de Mateus 16.19, que descreve: "E eu te darei as chaves do reino dos céus; e tudo o que ligares na terra será ligado nos céus, e tudo o que desligares na terra será desligado nos céus". Afinal, estaria esta expressão liberando ao apóstolo Pedro soberania pontífice sobre a igreja?

Examinando o contexto bíblico, percebemos que o mesmo nada tem a ver com a superioridade do apóstolo Pedro, pois, esta autoridade foi conferida também aos demais discípulos. A continuação do versículo diz o seguinte: "Também vos digo que, se dois de vós concordarem na terra acerca de qualquer coisa que pedirem, isso lhes será feito por meu Pai, que está nos céus" (Mt 18.19).

Jesus afirmou que os escribas obstruíam, por meio da posse da "chave da ciência", a entrada dos interessados em ingressar no caminho e nos ideais propostos por ele: "Ai de vós, doutores da lei, que tirastes a chave da ciência; vós mesmos não entrastes, e impedistes os que entravam" (Lc 11.52).

Conforme Wayne Grudem, "as chaves do reino dos céus representam a autoridade de pregar o Evangelho de Cristo (cf Mt 16.16) e assim abrir a porta de entrada do reino dos céus, permitindo o acesso". Tal autoridade foi empregada por Pedro, quando ao pregar no Pentecostes, quase três mil pessoas aceitaram o Evangelho (At 2.14-41).

A mesma autoridade também pode ser delegada aos crentes, num âmbito geral, pois fazemos parte da grande comissão, a qual coube a obrigação e responsabilidade de apregoar este Evangelho: "E disse-lhes: Ide por todo o mundo, pregai o evangelho a toda criatura" (Mc 16.15); "Portanto ide, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo" (Mt 28.19).

Paira ainda sobre este texto (Mt 16.19) uma dúvida argumentativa, a saber: a igreja exerce autoridade disciplinar ao membro faltoso. Compreende-se sobre a continuação textual: "...e tudo o que ligares na terra será ligado nos céus, e tudo o que desligares na terra será desligado nos céus", que há alguns, entre os que compõem a igreja, passíveis de sanção disciplinar. Veremos este aspecto no tópico a seguir.

◘ Autoridade disciplinar

Este princípio de autoridade, a disciplina eclesiástica, é bíblica. Podemos observar que ela foi autorizada por Jesus e levada a efeito pelos apóstolos, e consequentemente alcança importante atenção. Não quer dizer que qualquer infração será passível desta disciplina, nem que deve ser esse o primeiro procedimento. Antes de chegar a essa conclusão, todos os meios possíveis para "ganhar" o membro faltoso deve ser procurado e ensaiado.

É extremamente visível esta atitude em Mateus 18.15-18: "Ora, se teu irmão pecar contra ti, vai, e repreende-o entre ti e ele só; se te ouvir, ganhaste a teu irmão; mas, se não te ouvir, leva ainda contigo um ou dois, para que pela boca de duas ou três testemunhas toda a palavra seja confirmada. E, se não as escutar, dize-o à igreja; e, se também não escutar a igreja, considera-o como um gentio e publicano".

Quando todas as possibilidades harmônicas se esgotarem, note que então deveria ser publicada à igreja: "E, se não as escutar, dize-o à igreja". A decisão de aplicar a disciplina não é tratada apenas singularmente, mas a igreja deve participar corroborando, não somente com o líder eclesiástico, mas com a própria decisão renitente da pessoa.

Há similaridade e coligação entre a disciplina eclesiástica exposta em Mateus 18.15-18 e as expressões reclamadas por Jesus: "tudo o que ligares na terra será ligado nos céus, e tudo o que desligares na terra será desligado nos céus". Antes desta expressão, que sanciona a disciplina eclesiástica, há outra em que impera a evangelização: "E eu te darei as chaves do reino dos céus".

Assim, entendemos que a igreja tem em suas mãos a responsabilidade de anunciar o Evangelho, pois, como o missionário Paulo (1Co 9.16) escreveu, "... me é imposta essa obrigação; e ai de mim, se não anunciar o evangelho!", porém, há também a obrigação autoritária, dada pelo próprio Senhor Jesus, de "ligar" e "desligar", ou seja, exercer, caso precise, a disciplina.

A questão da disciplina deve ser bem delineada e compreendida pelo líder de determinada igreja, porque em nome dela foi e ainda são praticados abusos inimagináveis.

Conforme o texto esclarece, só deverá ser aplicada a disciplina em caso de pecado: "Ora, se teu irmão pecar contra ti" e, ainda, para aplicá-la corretamente faz-se de extrema importância classificar, ou no mínimo diferenciar, o pecado. Saber o que pode ser considerado pecado ou não, exige antes, não só um profundo conhecimento bíblico, mas, uma compreensão teológica do ensino do pecado. Caso contrário, aplicar-se-á a disciplina, quando se poderia prover meios variados antes de chegar a tal ponto, ou o contrário, isto é, não aplicá-la, quando o caso deveria ser resolvido com austeridade.

A igreja, em geral, deve se conscientizar disso, pois não detêm a onisciência divina e, portanto, cabe a Deus julgar moralmente o certo e o errado. Quem teria o poder de perscrutar as entranhas do ser humano, com ênfase no homem interior, a fim de decidir o que fazer senão Deus? Só ele pode esquadrinhar o interior do homem: "Sonda-me, ó Deus, e conhece o meu coração; prova-me, e conhece os meus pensamentos. E vê se há em mim algum caminho mau, e guia-me pelo caminho eterno" (Sl 139.23,24).

À igreja cabe apenas declarar o que já está determinado em tais situações pelas Escrituras Sagradas. Não é da competência da igreja perdoar pecados no sentido em que o fazem os sacerdotes católicos, pois, a Bíblia afirma que só "o sangue de Jesus Cristo, seu Filho (de Deus), nos purifica de todo o pecado" (1Jo 1.7), corroborando com este pensamento a indagação dos fariseus e religiosos da época de Cristo: "Quem pode perdoar pecados, senão Deus?" (Mc 2.7).

Portanto, a prática de perdoar as transgressões humanas, ao longo da vida cristã, por parte do clero romano, não encontra guarida nas páginas bíblicas. Fato importante é que o ato de a igreja "ligar" ou "desligar" remete-nos a concluir que ela nada mais estará fazendo do que ratificar o que Deus já decidiu em algum tempo.

◘ Apoio bíblico

É oportuno apresentar algumas passagens bíblicas em que a disciplina é executada, ou seja, experimentada na prática, quando do início da igreja primitiva. Não devemos ignorar que os ensinamentos que envolvem a questão da disciplina não se prendem ao período neotestamentário, mas antes, o conceito de correção está espalhado por toda a Bíblia. Verifique as passagens a seguir:

- ✓Da mesma forma que o pai corrige o filho, assim Deus (o nosso Pai) corrige os seus filhos: "O que retém a vara aborrece seu filho, mas o que o ama, cedo o disciplina" (Pv 13.24). Compare este texto com Hebreus 12.6: "Porque o Senhor corrige o que ama, e açoita a qualquer que recebe por filho".
- ✓Alexandre e Himeneu foram "entregues a Satanás", fato que a maioria dos estudiosos entendem como sendo uma aplicação da disciplina: "E entre esses foram Himeneu e Alexandre, os quais entreguei a Satanás, para que aprendam a não blasfemar" (1Tm 1.20).
- ✓Na igreja de Corinto havia a necessidade de disciplinar um irmão que estava cometendo incesto: "Seja entregue a Satanás para destruição da carne, para que o espírito seja salvo no dia do Senhor Jesus" (1Co 5.5). É interessante neste texto notar que Paulo invocou a autoridade da igreja para impor a repreensão eclesiástica: "Em nome de nosso Senhor Jesus Cristo, juntos vós e o meu espírito, pelo poder de nosso Senhor Jesus Cristo" (1Co 5.4). No caso, o apóstolo foi tão severo que impôs à igreja: "Mas agora vos escrevi que não vos associeis com aquele que, dizendo-se irmão, for devasso, ou avarento, ou idólatra, ou maldizente, ou beberrão, ou roubador; com o tal nem ainda comais [...] tirai, pois, dentre vós a esse iníquo" (1Co 5.11,13).

Capítulo 5

▼ As ordenanças da Igreja

Cristo, antes de ascender ao céu, deixou basicamente duas normas que deveriam ser prontamente obedecidas pelos primeiros cristãos: a santa ceia e o batismo.

Consoante ao batismo, lemos em Mateus 28.19 a respeito: "Portanto ide, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo".

Da mesma forma Jesus enfatizou que a ceia deveria ser celebrada: "E, quando comiam, Jesus tomou o pão, e abençoando-o, o partiu, e o deu aos discípulos, e disse: Tomai, comei, isto é o meu corpo. E, tomando o cálice, e dando graças, deu-lho, dizendo: Bebei dele todos; porque isto é o meu sangue, o sangue do novo testamento, que é derramado por muitos, para remissão dos pecados" (Mt 26.26-28).

Entre os aspectos que merecem atenção nestas duas normas impostas por Cristo à sua igreja, está a importância conceitual referida pela igreja católica concernente à mistificação da ceia e do batismo em águas. Nos círculos reformados e protestantes, estas normas são preferivelmente nomeadas de *ordenanças*, enquanto que, na igreja católica, são designadas *sacramentos*.

A igreja católica reivindica que estes *sacramentos* outorgam às pessoas uma "graça especial" em si mesmos. Isto quer dizer que a pessoa não precisa exercitar a fé para que seja interiormente agraciada, pois, somente os sacramentos (ceia e batismo) são suficientes e independentes. Para diferenciarmos os termos e compreendermos as profundas divergências teológicas que se apresentam, faz-se necessário defini-los a parte.

Sacramentos

Por sacramento entendem-se os ritos e conjuntos de cerimônias que, segundo a igreja católica, conferem divinas graças ao indivíduo. É importante saber que no catolicismo os sacramentos não se restringem somente à ceia (Eucaristia) e ao Batismo, expandindo a cinco outros sacramentos que são: confirmação, confissão, ordem, matrimônio e extrema-unção. Há um relato muito importante sobre o contexto cultural, referido à prática e uso do sacramento, pelo teólogo Michael Dusing:

"O termo 'sacramento' (que provém de *sacramentum*, em latim) é mais antigo e aparentemente de uso mais generalizado que o termo 'ordenança'. No mundo antigo, um *sacramentum* referia-se originalmente a uma soma em dinheiro depositada num lugar sagrado por duas partes envolvidas num litígio civil. Pronunciada a sentença do tribunal, devolvia-se o dinheiro da parte vencedora, enquanto a perdedora tinha de entregar o seu para 'sacramento' obrigatório, considerado sagrado porque passava a ser oferecido aos deuses pagãos [...] A Vulgata Latina (de 400 d.C) emprega o termo *sacramentum* como tradução da palavra grega *mustêrion* (mistério), o que veio a acrescentar uma conotação um tanto reticente, misteriosa, às coisas consideradas 'sagradas'".

Toda essa mística, através do tempo, acabou por influenciar o clero romano, pois, conforme já foi explicado, doutrinam que os sacramentos transmitiam, e ainda transmitem, segundo a teologia romana, uma "graça especial".

Ordenanças

O renomado teólogo Russel Norman Champlin esclarece que o vocábulo "ordenança" vem do latim, de *ordo* (inis), relativo a *ordinari*, "ordenar". Desta fonte é que se deriva a palavra *ordinans* (antis), "ordenança", significando "uma regra autoritária, um decreto, uma lei, um rito religioso, uma disposição ou posição, um desígnio".

Há um grupo de protestantes que prefere usar o termo "sacramento", quando se refere à ceia e ao batismo. A questão de maior relevância não está simplesmente no uso técnico do termo, mas no que se entende por sacramento. Se ficar claro que estes "sacramentos" não transmitem "graça divina" em si mesmos, irrelevante é o uso etimológico. Contudo, a preferência entre a maioria dos protestantes é o uso do termo "ordenanças".

Passemos nos próximos tópicos a tratar destas duas importantes ordenanças deixadas pelo Senhor Jesus Cristo.

■ **Batismo**

"Quem crer e for batizado será salvo; mas quem não crer será condenado" (Mc 16.16).

É necessário entender que o texto exposto (Mc 16.16), se não for interpretado corretamente, pode trazer sérias consequências doutrinárias à igreja. Entretanto, independente de qual seja a interpretação denominacional, esta não invalida a imperativa ordem quanto ao ato batismal. Omitir-se a esta ordem de Cristo é permanecer em estado de desobediência e, portanto, estar em falta com as determinadas exigências do cristianismo. Não transmitir "graça salvadora" também não significa rejeitar o batismo, como entendem alguns grupos religiosos.

Definição

A palavra batismo no original grego é *baptizo* e tem o sentido de "imergir, afundar, mergulhar". No *Dicionário Internacional de Teologia*, de Collin Brown, verifica-se outro sentido desta palavra com vistas ainda à língua original do Novo Testamento. Collin Brown apresenta os termos *louo* e *nipto*, que significam "lavar" (o corpo inteiro) e "lavar" ou "enxaguar" (partes do corpo) respectivamente, e ainda *rhaino*, que significa "aspergir".

De maneira pluralizada os dicionários de teologia concordam que o batismo era o ato que iniciava o novo convertido ao cristianismo, mostrando assim, de forma externa, que este fazia concordar suas atitudes com a nova vida, dando ênfase ao caráter interno (regeneração) sem o qual não deveria ser batizado.

Este aspecto não é aceito por algumas igrejas protestantes na sua plenitude, já que admitem o "pedobatismo" ou batismo de crianças, isto pelo fato de não haver por parte da criança a conversão, conforme aceita pelos cristãos em sua maioria. O *Conciso Dicionário de Teologia Cristã*, de Millard J. Erickson, define desta forma o batismo: "Ato de iniciação cristã, no qual se aplica água em uma pessoa por imersão, derramamento (afusão) ou aspersão".

Quanto ao batismo de crianças, trataremos mais adiante sobre o assunto, lembrando que o nosso objetivo é informar ao aluno sem ser parcial ou influenciar no modelo adotado por sua denominação evangélica. Algumas igrejas protestantes e a igreja católica adotam o modelo por aspersão. Verificaremos biblicamente as formas, sempre do ponto de vista informativo.

Aspersão e afusão

Segundo o Dicionário Aurélio, aspergir é o ato de "borrifar ou respingar com gotas de água ou de outro líquido", enquanto que afusão remete ao "banho ou à aspersão". Já a afusão, segundo Collin Brown, é definida como o ato de "lavar" (o corpo inteiro) e "lavar" ou "enxaguar" (partes do corpo).

Há uma tímida distinção entre estes dois termos. Algumas das obras de teologia, ao comentar sobre a forma da não imersão do batismo, usam de forma generalizada o termo aspersão. Os que defendem este modo batismal acentuam que o simbolismo empregado no ato do batismo é o de ser purificado e limpo dos pecados, enquanto que os "imersionistas" veem no batismo, adicionando-se ao que pensam os praticantes da aspersão, uma figura de descer à sepultura e do sepultamento. Quando o batizado, na concepção dos "imersionistas", sai das águas, isto seria uma figura da ressurreição com Cristo, em que morto o velho homem, ressurge, nasce, ressuscita um novo, em novidade de vida.

Corroborando ao pensamento de que o batismo é um símbolo de lavar e ser purificado do pecado, estão os textos de Tito 3.5: "Não pelas obras de justiça que houvéssemos feito, mas segundo a sua misericórdia, nos salvou pela lavagem da regeneração e da renovação do Espírito Santo", e Atos 22.16: "Levanta-te, e batiza-te, e lava os teus pecados, invocando o nome do Senhor".

Imersão

É o modo pelo qual a pessoa é inteiramente "afundada" na água. Os defensores deste modelo apoiam-se na definição grega da palavra *baptizo*. Entre outros textos que costumam se apoiar os defensores da imersão explicaremos os seguintes:

- ✓ "E, logo que saiu da água, viu os céus abertos, e o Espírito, que como pomba descia sobre ele" (Mc 1.10);
- ✓ "E, indo eles caminhando, chegaram ao pé de alguma água, e disse o eunuco: Eis aqui água; que impede que eu seja batizado?" (At 8.36).

No texto de Marcos, uma grande multidão afluiu para o batismo, o que facilitaria e sugeriria o batismo por aspersão, fosse esse o caso. Conforme Wayne Grudem, "o texto grego especifica que ele saiu 'para fora da' (*ek*) água, e não que ele veio da água (mais bem comunicado pelo gr. *apo*)". Segundo Grudem, o fato de João e Jesus saírem da água, aventa que o modo batismal foi o da imersão.

No segundo texto a expressão de Filipe ao eunuco, "eis aqui água", expressa que os dois desceram do carro e entraram na água. Segundo o pensamento dos defensores da imersão, caso o modo habitual fosse a aspersão, teria água em estoque, no carro do eunuco, e ele não necessitaria descer às águas para ser imerso.

Entendemos que, independente da polêmica em torno das formas em que deve ser praticado o batismo, não deve ser suplantada a essência do mesmo. Nesse ínterim, há ainda outro assunto acalorado entre os vários ramos do protestantismo, o qual seja, o batismo infantil. Visto os dois pontos de vista que acolhem esta prática, falaremos também da posição contrária.

Batismo infantil

Uma criança deve ser batizada? A liderança da igreja primitiva batizava criança? Há base bíblica para tal procedimento?

Temos de considerar, neste caso, a posição romana e a posição protestante. Este batismo é levado a efeito tanto no catolicismo quanto em algumas igrejas protestantes, entretanto, mesmo entre o entendimento sobre os requisitos e finalidades para o batismo infantil, há diferenças, entre o catolicismo e o protestantismo.

A posição que apoia o batismo infantil é conhecida também como "pedobatismo". Analisemos o ponto de vista católico e adiante o protestante.

O batismo infantil e a igreja católica

Para a igreja católica a criança não pode deixar de se batizar, ou melhor, os pais devem trazer as crianças para serem batizadas, sendo que, o método utilizado é o da aspersão. Agem desta forma, pois entendem que o batismo "regenera" a pessoa e possui poder necessário e eficaz para a salvação. É uma doutrina sacramental que confere graça divina à pessoa.

O batismo de crianças para a Igreja Católica é extremamente válido. Na definição romanista, a criança não necessita exercer fé para alcançar a justificação, visto que, a Igreja substitui a fé da criança. Entretanto, para nós, autênticos cristãos, a fé do indivíduo é indispensável para a salvação: "Porque pela graça sois salvos, por meio da fé; e isto não vem de vós, é dom de Deus" (Ef 2.8). Nenhum ritual religioso deve dirimir a verdadeira exigência para que o ser humano alcance a salvação.

Analogicamente, observamos no Novo Testamento, os legalistas ensinando que a circuncisão (rito) deveria ser estritamente obedecida para a conquista soteriológica. O apóstolo Paulo foi enfático na sua repreensão, quando advertiu os legalistas, que para a salvação não era necessário nenhum tipo de "obra", pois a graça, estabelecida por Cristo no período neotestamentário, sobrepujava qualquer conceito legal.

Se para a igreja católica a ênfase no batismo infantil era porque esse "regenera" a criança, o mesmo não se pode dizer do ponto de vista protestante, não obstante esse também promover o batismo infantil.

O batismo infantil e o protestantismo

A observância deste batismo aqui não se dá com a mesma arbitrariedade romana. O detalhe mais importante é que ele não contém efeito salvífico. Nem todas as crianças, de forma generalizada (no caso, filhos de pais não cristãos), devem ser batizadas, mas, somente os filhos de pais cristãos. Os que entendem assim a questão baseiam-se na "aliança" entre Deus e seu povo. As referências bíblicas e o apoio teológico para a prática do batismo pueril são fundamentados,

segundo esta interpretação, na circuncisão, pacto feito entre Deus e Abraão no Antigo Testamento, assim como no batismo de famílias no período do Novo Testamento. Vejamos um pouco mais sobre estes dois aspectos.

O batismo comparado à circuncisão

Para comprovar a fidelidade de Abraão, Deus pactua com ele, acordando ambas as partes à prática de um ritual que seria "o ato de circuncidar o prepúcio" de todo o filho nascido até o prazo de oito dias: "Disse mais Deus a Abraão: Tu, porém, guardarás a minha aliança, tu, e a tua descendência depois de ti, nas suas gerações. Esta é a minha aliança, que guardareis entre mim e vós, e a tua descendência depois de ti: Que todo o homem entre vós será circuncidado. E circuncidareis a carne do vosso prepúcio; e isto será por sinal da aliança entre mim e vós" (Gn 17.9-11).

Neste aspecto, assim como a circuncisão, que era um ato externo, conferia condições favoráveis para que a criança ingressasse na comunidade de Israel, assim, analogicamente, o batismo infantil, seria correto e necessário, pois, condiciona a criança a fazer parte da comunidade do povo de Deus. Entre os textos bíblicos, podemos contemplar essa comparação em Colossenses 2.11,12: "No qual também estais circuncidados com a circuncisão não feita por mão no despojo do corpo dos pecados da carne, a circuncisão de Cristo; sepultados com ele no batismo, nele também ressuscitastes pela fé no poder de Deus, que o ressuscitou dentre os mortos".

Famílias batizadas no Novo Testamento

Neste aspecto depreende–se de alguns textos bíblicos o fato de que quando as pessoas aceitavam a Cristo, com suas famílias, que no caso possivelmente tinham crianças, todos eram batizados. Vejamos alguns textos bíblicos:

- ✓"Porque a promessa vos diz respeito a vós, a vossos filhos, e a todos os que estão longe, a tantos quantos Deus nosso Senhor chamar" (At 2.39). A expressão "a vossos filhos" denotaria uma participação em todas as bênçãos divinas, decorrentes do recebimento do Evangelho, o que inevitavelmente incluiria o batismo.
- ✓"E, tomando-os ele consigo naquela mesma hora da noite, lavou-lhes os vergões; e logo foi batizado, ele e todos os seus" (At 16.33).
- ✓"E, depois que foi batizada, ela e a sua casa, nos rogou, dizendo: Se haveis julgado que eu seja fiel ao Senhor, entrai em minha casa, e ficai ali. E nos constrangeu a isso" (At 16.15).
- ✓"E batizei também a família de Estéfanas" (1Co 1.16).

Há que se diferenciar, comparando o sentido do batismo infantil entre o catolicismo e o protestantismo, que os protestantes que observam esta prática não pregam que a criança batizada é regenerada no momento do batismo, nem que o batismo simboliza a regeneração final da criança, mas que pode simbolizar uma regeneração futura, quando a criança tiver idade suficiente para escolher seguir a Cristo ou não.

Argumentos contra o batismo infantil

Doravante, apresentamos os argumentos dos que contestam tanto o romanismo como o protestantismo na questão do batismo infantil. A primeira ênfase dada neste ponto de vista é a de que o batismo deve ser ministrado apenas a quem ingressou na fé cristã, pois o batismo é um símbolo desta fé. Segundo este pensamento, a criança deve ter idade para satisfazer o critério adotado pelas Escrituras para ser salva, ou seja, a condição de crer. Alegam que uma criança não tem a consciência despertada para esta fé e daí não ter qualquer responsabilidade quanto ao batismo, e, portanto, não devendo ser batizada.

Ao nos referirmos aos textos bíblicos defendidos pelos protestantes que batizam crianças, percebemos que os argumentos são desenvolvidos baseados na "integralidade" do ato sobre as famílias. Vejamos o que pensam os protestantes que não adotam este posicionamento:

- ✓"Porque a promessa vos diz respeito a vós, a vossos filhos, e a todos os que estão longe, a tantos quantos Deus nosso Senhor chamar" (At 2.39). Com respeito ao Evangelho, a bênção da promessa é para os filhos, mas em se tratando do batismo só "os que aceitaram a palavra" deveriam obedecer à imperativa da pregação de Pedro submetendo-se ao batismo (At 2.41).
- ✓"E, tomando-os ele consigo naquela mesma hora da noite, lavou-lhes os vergões; e logo foi batizado, ele e todos os seus" (At 16.33). O versículo 32 que diz: "E lhe pregavam a palavra do Senhor, e a todos os que estavam em sua casa", denota que não obstante a família ter sido batizada, supõem-se que todos os presentes tiveram condições e idade suficientes para entender a pregação e expressar a sua fé. E, após a família ser batizada, como defesa de que a família demonstrou ter fé em Cristo, meio este que uma criança não tem condições de exercer, a Bíblia relata que o carcereiro "...na sua *crença* em Deus alegrou-se com toda a sua casa" (At 16.34).
- ✓"E, depois que foi batizada, ela e a sua casa, nos rogou, dizendo: Se haveis julgado que eu seja fiel ao Senhor, entrai em minha casa, e ficai ali. E nos constrangeu a isso" (At 16.15). Este é o texto bíblico que narra a conversão de Lídia, e mais uma vez o que está em evidência é a fé da família, e não há qualquer informe sobre se havia ou não crianças na residência de Lídia.

✓"E batizei também a família de Estéfanas" (1Co 1.16). Por meio do contexto (1Co 1.10-16), é possível perceber que os irmãos a que Paulo se refere já eram convertidos e labutavam na obra de Deus, o que evidencia a necessidade prévia de crer para apenas depois ser batizado.

Analisamos estes pontos para que o aluno de teologia possa ter algum conhecimento sobre a posição do batismo nas duas frentes protestantes, bem como sobre o pensamento da teologia católica. Não eximimos a necessidade de se batizar nem queremos dogmatizar as normas a serem procedidas pelas igrejas. Cremos também que não é o batismo ou como proceder à sua prática que irá dividir a *koinonia* (comunhão) entre os irmãos dos mais diversos ramos protestantes.

Passemos agora a estudar sobre a ceia, outra ordenança deixada por Cristo.

■ Ceia

Também denominada por algumas igrejas de "Ceia do Senhor" (gr. *Kyriakon deipnon*) é uma palavra proveniente do latim *coena*, "ceia". Os elementos da ceia são o pão e o vinho, que simbolizam o corpo e o sangue de Jesus respectivamente, tendo em mente a celebração da morte de Jesus. A ceia representa a "Nova Aliança" estabelecida por Cristo com a sua Igreja, conforme atesta Paulo em 1Coríntios 11.25 (Almeida Atualizada): "Este cálice é a nova aliança no meu sangue, fazei isto, todas as vezes que o beberdes, em memória de mim".

É importante não perdermos de vista o sentido e significado da ceia, pois é uma ordenança que sofre depreciação por parte de alguns movimentos religiosos. A santa ceia apresenta, antes de tudo, mediante seus elementos, uma lembrança da morte de Cristo, ao participarmos do pão e do vinho. Quase todo o ritual na ceia reportar-nos a esta lembrança, e a própria Bíblia nos informa que ao celebrarmos a ceia, estamos *anunciando sua morte* (do Senhor) até que ele volte (1Co 11.26).

Encontramos paralelo bíblico no ato da ceia com o episódio do cordeiro pascoal de Êxodo 12. O fato mais forte nesta passagem é que o cordeiro teria de ser morto e seu sangue aspergido nos umbrais da porta das residências dos hebreus, o que garantiria a sobrevivência dos primogênitos de suas famílias.

Por meio da ceia, também, não somente anunciamos a morte de Cristo, como proclamamos a sua ressurreição. Não obstante isso, não devemos entender a celebração da Ceia como se Jesus estivesse presente corporalmente, mistificado no pão e no vinho, como entendem e ensinam, por exemplo, os católicos romanos. Analisemos, a seguir, este ensino.

Transubstanciação

Segundo o dogma católico, Jesus Cristo se acha presente sob as aparências do pão e do vinho, com seu corpo, sangue, alma e divindade. Isto é o que geralmente se entende por transubstanciação (alteração de substâncias). A teologia católica ensina a transubstanciação durante a Eucaristia. Após serem consagrados os elementos, pão e vinho, pelo padre e repetidas as palavras de Cristo, "isto é o meu corpo" e "isto é o meu sangue", os fiéis católicos creem que misteriosamente o pão se transforma na carne de Cristo e o vinho, no sangue. Levando as palavras de Cristo a um "literalismo" bruto, interpretam ser o pão o próprio corpo de Cristo presente na hóstia. Essa doutrina é baseada principalmente no trecho do evangelho de João 6.53, que reza: "se não comerdes a carne do Filho do homem, e não beberdes o seu sangue, não tereis vida em vós mesmos". Contudo, daremos algumas razões para a rejeição a essa doutrina errônea e perigosa:

1. Se na frase "isto é o meu corpo" o verbo "ser (é)" implica a conversão literal do pão no corpo de Cristo, segue-se igualmente que nas palavras "eu sou o pão da vida" (Jo 6.35) o verbo "ser (sou)" deve implicar igual mudança, ensinando-nos que Cristo se converte no pão, de modo que, se o primeiro é uma "prova" da transubstanciação, o segundo demonstra necessariamente o contrário; se o primeiro demonstra que o pão pode converter-se em Cristo, o segundo demonstra que Cristo pode converter-se em pão, o que é um verdadeiro absurdo, mas é isto o que a lógica dessa filosofia nos leva a entender.

2. Se acreditarmos que nesse episódio Jesus estava se referindo à eucaristia, então forçosamente ninguém pode se salvar sem o sacramento, e todo aquele que o recebe não pode se perder. Seria sempre necessário ao fiel comungar-se para não perder a bênção da vida eterna. E aqueles que não podem tomá-la? Estariam destinados ao inferno? Creem os católicos que todo aquele que comunga tem a vida eterna? Pois Jesus disse que, sem exceção, "todo aquele" que comesse a sua carne teria de fato a vida eterna. E o que dizer então daqueles que bebem indignamente (1Co 11.28)? Tal é a contradição e confusão que nos mostra tão descabida teoria se levada ao pé da letra.

3. Se tomadas literalmente essas palavras, o beber o sangue é tão importante quanto o comer a carne. Em outras palavras, é tão necessário comer o pão (hóstia) como beber o cálice (vinho). E por que então o padre nega aos fiéis o direito de tomar o cálice, desobedecendo a Bíblia?

Analisando João 6

Diz o padre Alberto Luiz Gambarini: "Jesus não deixou dúvidas quanto a esta questão: a eucaristia ou ceia não é uma mera lembrança, e sim a presença por inteiro de Jesus Cristo".

Pois bem, analisemos essa questão dentro de seu contexto imediato, pois tais palavras tomadas isoladamente e sem explicação podem ter um sentido, mas dentro do seu respectivo contexto, levando em consideração a aplicação que o Senhor lhes deu, têm outro sentido bem distinto.

"Respondeu-lhes Jesus: Na verdade, na verdade vos digo que me buscais, não pelos sinais que vistes, mas porque comestes do pão e vos saciastes. Trabalhai, não pela comida que perece, mas pela *comida que permanece para a vida eterna*, a qual o Filho do homem vos dará; porque a este o Pai, Deus, o selou" (Jo 6.26,27). Essas palavras deram princípio ao discurso e são a chave para compreendermos o sentido exato e a razão pela qual Jesus usou a figura de "comer" e "beber".

A única dificuldade que há para a compreensão desse discurso de Jesus está relacionada à falta de consideração à figura que lhe deu origem; ou seja, os judeus seguiam Jesus por causa do milagre dos pães, por causa do alimento material. Ao contrário, Jesus elucida que a comida que ele tem é algo maior: "a comida que permanece para a vida eterna" (v. 27). Então, os judeus apelam para o episódio do maná que desceu do céu. Jesus explica que o verdadeiro pão não era o maná, mas que o pão verdadeiro é outro, o próprio Cristo. Daí, disseram os judeus: "Senhor, dá-nos sempre desse pão" (Jo 6.34).

Até aqui, percebemos que os judeus não estavam entendendo a mensagem de Jesus e, por isso, interpretavam-na de modo literal, assim como os católicos fazem. Jesus então explica que o sentido de sua mensagem era simbólico, espiritual, não literal: "E Jesus lhes disse: Eu sou o pão da vida; aquele que vem a mim não terá fome, e quem crê em mim nunca terá sede" (Jo 6.35).

Esse versículo é muito importante, pois nos explica que comer a carne e beber o sangue de Jesus é somente crer e ter fé nele, recebendo-o; nada mais que isso. É justamente isso que significa o alimento do seu corpo: "Porquanto a vontade daquele que me enviou é esta: Que todo aquele que vê o Filho, e crê nele, tenha a vida eterna" (Jo 6.40).

Jesus rechaça qualquer tipo de confusão quanto a isso quando arremata: "O espírito é o que vivifica, a carne para nada aproveita; as palavras que eu vos disse são espírito e vida" (Jo 6.63). Jesus estava falando espiritualmente, não fisicamente. Estava explicando que a vida vem por meio da fé nele, e não comendo o seu corpo.

Então, como explicar esse versículo: "... e o pão que eu der é a minha carne, que eu darei pela vida do mundo" (Jo 6.51)? Será que com isso Jesus não estava ensinando sobre a eucaristia, quando os seus seguidores iriam alimentar-se dele por meio da hóstia num tempo futuro?

Não necessariamente. A Bíblia ensina, sem sombra de dúvidas, que a vida eterna viria por meio de sua morte na cruz, dando seu corpo, isto é, sua carne, para ser sacrificada. E isso está em perfeita concordância com o restante das Escrituras. Veja como o apóstolo Paulo entendeu essa questão: "Porque ele é a nossa paz, o qual de ambos os povos fez um; e, derrubando a parede de separação que estava no meio, na sua carne desfez a inimizade" (Ef 2.14).

A Bíblia nos diz que Cristo realmente deu seu sangue e sua carne ao mundo para alcançarmos a vida eterna. Vejamos: "E que, havendo por ele feito a paz pelo sangue da sua cruz, por meio dele reconciliasse consigo mesmo todas as coisas, tanto as que estão na terra, como as que estão nos céus. A vós também, que noutro tempo éreis estranhos, e inimigos no entendimento pelas vossas obras más, agora contudo vos reconciliou no corpo da sua carne, pela morte, para perante ele vos apresentar santos, e irrepreensíveis, e inculpáveis" (Cl 1.20-22).

A conclusão a que chegamos, lendo o contexto, é que o "alimentar-se" de Jesus (seu corpo), por meio da sua carne e do seu sangue, é a mesma figura de linguagem utilizada por ele em João 4.14: "Mas aquele que beber da água que eu lhe der nunca terá sede, porque a água que eu lhe der se fará nele uma fonte de água que salte para a vida eterna".

Assim como essa "água" era espiritual, a bebida e a comida também, tanto é que quando os discípulos entenderam de modo literal essa mensagem, Jesus prontamente os corrigiu explicando que: "o espírito é o que vivifica, a carne para nada aproveita; as palavras que eu vos disse são espírito e vida" (Jo 6.63).

O "alimentar-se" de Cristo seria "crer nele", quando então o Pai entregaria seu Filho na cruz para ser sacrificado por nossos pecados. Muitos pais da igreja primitiva concordavam com este ponto de vista, entre eles Agostinho, considerado um dos maiores doutores da Igreja Católica.

Lembrança ou presença real?

"Isto é o meu corpo que é partido por vós; fazei isto em memória de mim" (1Co 11.24).

Esse é o argumento mais repetido entre os católicos para sustentar a transubstanciação. Não há algo mais claro nessa passagem do que a verdade de que aquilo era realmente o corpo de Cristo, dizem os católicos, contudo, não precisamos nos esforçar muito para desfazer essa interpretação, basta-nos apenas recorrer ao contexto.

Ora, é importante entender que Jesus instituiu a Santa Ceia na ocasião em que estava comendo a ceia pascoal. Sem dúvida, ele se recordava de que aquela Páscoa foi instituída para comemorar, pela aspersão do sangue do cordeiro, a saída dos israelitas do cativeiro do Egito.

O pão que Jesus tomou e abençoou e deu aos discípulos era o pão pascoal. Muitos católicos dizem que Jesus não comeu aquele pão, mas tal assertiva se mostra falsa quando lemos que Jesus iria comer realmente aquela comida, veja: "E mandou a Pedro e a João, dizendo: Ide, preparai-nos a páscoa, para que a comamos [...] E direis ao pai de família da casa: O Mestre te diz: Onde está o aposento *em que hei de comer* a páscoa com os meus discípulos?" (Lc 22.8,11).

Todas as suas ações e palavras tinham alguma relação com a antiga páscoa. Tendo isso em vista, devemos procurar na antiga festa uma explicação para a Santa Ceia que ele iria substituir, pois ele (Jesus) é a nossa páscoa (1Co 5.7).

Quando Moisés instituiu a páscoa, mandou os israelitas comerem a carne e aspergirem o sangue do cordeiro em suas casas (Êx 12.7,8). Só que o cordeiro que comiam *não era* a "páscoa", pois tal palavra é derivada do verbo *pasach*, que significa "passar por cima", dando a ideia de "poupar e proteger" (Êx 12.13). A páscoa do Senhor era o "passar do anjo por toda a terra do Egito". Vê-se, pois, que o ato de passar por cima das casas dos israelitas era uma coisa e o cordeiro que os israelitas comiam era outra essencialmente distinta: uma era um fato e a outra, a recordação desse fato.

Embora Moisés tivesse dito a respeito do cordeiro que este "é a páscoa" (a passagem do Senhor), isso não significa, porém, que quisesse dizer que o cordeiro que os israelitas tinham assado e estavam comendo poderia ter-se mudado ou transformado no ato de passar o Senhor por cima das casas. O objetivo simplesmente era proporcionar uma recordação da páscoa ou da passagem do Senhor". Temos, pois, aqui, um exemplo clássico dessa figura de retórica pela qual se dá o nome da coisa que ela recorda, ou se põe o sinal pela coisa significada. Quando, pois, as famílias se reuniam em torno da mesa para comer a páscoa, o chefe da família dizia: *"Esta é a páscoa do Senhor"*, quando, na verdade, estava querendo dizer o seguinte: "Esta é a recordação da páscoa do Senhor".

Pois bem, fincado na essência dessa celebração, Jesus certamente se valeu da mesma expressão conhecidíssima dos israelitas. Depois de a páscoa ter sido abolida e substituída pela Santa Ceia, Jesus serviu-se da mesma expressão de que tinha feito uso na celebração antiga. Era natural que, do mesmo modo que tinha dito da páscoa "Esta é a páscoa do Senhor", recordando-se do que fora feito na época de Moisés, Jesus usasse também mui naturalmente as palavras *"Isto é o meu corpo"* ou *"Isto é o meu sangue"*, para significar que aquele rito deveria ser usado como recordação do seu corpo e do seu sangue oferecidos na cruz, sendo ele o verdadeiro cordeiro de Deus (Jo 1.29) que nos libertou do cativeiro do pecado.

Os discípulos, por serem judeus versados nas Escrituras, estavam, por certo, familiarizados com tais figuras de linguagem (Sl 27.1,2; Is 9.18,20; 49.26), não lhes sendo difícil entender o que Jesus queria lhes dizer. Pois, antes disso, haviam ouvido o seguinte de Jesus: "Eu sou a porta" (Jo 10.7), "Eu sou o caminho" (Jo 14.6) e "Eu sou a luz do mundo" (Jo 8.12), e entenderam perfeitamente a linguagem.

Então, quando Jesus, ao distribuir os elementos da ceia (pão e vinho), disse: "isto é o meu corpo" e "isto é o meu sangue", ele estava falando de maneira figurativa. Tanto é que ordenou: "fazei isto *em memória* de mim".

Assim, temos razão para crer que a ceia era uma comemoração ou lembrança de sua morte na cruz, e devemos prosseguir fazendo isso (ou seja, celebrando a Santa Ceia) até que ele venha. Veja que mesmo depois de ter sido consagrado por Jesus, o vinho continuou sendo vinho, o que serve para corroborar nosso ponto de vista: "Porque vos digo que já não beberei do fruto da vide [não disse meu sangue], até que venha o reino de Deus" (Lc 22.18).

O apóstolo Paulo simplesmente considerava os elementos da Santa Ceia como pão e vinho, e não o corpo do Senhor transubstanciado: "Semelhantemente, depois de cear, tomou o cálice, dizendo: Este cálice é a Nova Aliança no meu sangue; fazei isto todas as vezes que beberdes, em memória de mim. Pois todas as vezes que comerdes este pão e beberdes este cálice, anunciais a morte do Senhor, até que ele venha. Portanto, qualquer que comer o pão ou beber o cálice do Senhor, indignamente, será culpado do corpo e do sangue do Senhor. Examine-se o homem a si mesmo antes de comer deste pão e beber deste cálice" (1Co 11.25-28).

O pão representava o corpo do Senhor e o vinho, o sangue. Todas as vezes que nos reunimos para celebrar a Santa Ceia fazemos isto sempre em memória do Senhor, pois ele mesmo disse: "fazei isto em memória de mim". Não podemos sacrificar Cristo novamente (Hb 7.24,27)!

Os contra-sensos da transubstanciação

Por darem ouvido ao dogma da transubstanciação, os católicos, além de incorrerem num terrível engodo, acabam por abraçar uma teoria fictícia. Vejamos:

- ✓Se naquela ocasião em que Jesus disse "Isto é o meu corpo", realmente tivesse ocorrido a tão propalada "transubstanciação", então somos levados a acreditar que existiam naquele momento dois corpos do Senhor. Levando esse dogma às últimas consequências, teremos isto: Jesus pegou aquele pedaço de pão, já transformado em seu corpo (com divindade e alma, segundo creem os católicos) e deu-se a si mesmo para seus discípulos comerem. Depois de terem comido o corpo do Mestre, os discípulos sentaram-se ao seu lado. E mais: Jesus também teria comido e engolido a si próprio, pois certo é que ele também participou da ceia!
- ✓Se tal pão consagrado fosse comido acidentalmente por um roedor, dar-se-ia o caso de o animal também ter engolido o Cristo com seu corpo, alma e divindade.

- ✓Se a hóstia se estragar e apodrecer, seria o caso de o corpo de Cristo, que está nesse elemento, apodrecer também. Então, como fica Atos 2.31, que diz que a carne de Cristo não se corrompe?
- ✓Se o que dá vida é o espírito, por que Deus se faria carne por meio da hóstia para nos vivificar?
- ✓Se Cristo nos ordenou que celebrássemos a cerimônia até que ele voltasse, conforme 1Coríntios 11.26, como pode estar presente na hóstia? Se ele virá, quer dizer que não está! Devemos ressaltar que tal vinda é escatológica, quando Cristo virá em corpo, pois, espiritualmente, ele está conosco todos os dias (Mt 18.20, 28.20) e esta promessa não tem nada a ver com a Santa Ceia.

O papa Pio IX se vangloriava com o dogma da transubstanciação, dizendo: "Não somos simples mortais, somos superiores a Maria. Ela deu à luz um Cristo só, mas nós podemos fazer quantos cristos quisermos; nós, os padres, criamos o próprio Deus".

Uma coisa tão extraordinária como essa. Um milagre tão estupendo: mudar um pedacinho de pão no próprio Deus. Um milagre tão diferente de todos os que se têm notícia. Tudo isso deveria ter uma prova muito mais clara e contundente do que meras formas de expressão. É, sem dúvida, algo que foge à nossa compreensão, não por ser algo misterioso, mas por ser irracional e incoerente. Quando se prova o pão, ele ainda é pão, tem cheiro de pão, o gosto ainda é de pão. E o mesmo se dá com o vinho!

Onde temos o corpo de Cristo nisso tudo? Esquivar-se, fazendo uma separação arbitrária de milagres, visíveis para os incrédulos e invisíveis para os crentes (diga-se católicos), é ultrapassar o que está escrito. Onde está tal divisão nas Escrituras? Em lugar nenhum!

Interpretação dos reformadores

Para a Reforma Protestante, são dois os sacramentos instituídos pelo próprio Cristo: o batismo, que marca o início da vida cristã, e a Santa Ceia, que significa a manutenção dessa vida, a santificação.

Unidos sobre o sentido do batismo, apesar de ênfases diversas, os reformadores se dividiram sobre o sentido da eucaristia.

- ✓Lutero

Lutero se opôs à missa como obra meritória e repetição eficaz do sacrifício do Cristo. O oferecimento da graça se efetua sob duplo signo instituído por Cristo: não se pode recusar a nenhum fiel o pão e o vinho oferecidos por Jesus, em oposição ao Concílio de Constança, de 1414, que proibiu o uso do cálice aos leigos.

Contudo, Lutero opõe-se a uma presença meramente simbólica de Cristo na ceia. Mantém a tese da "consubstanciação", segundo a qual o pão e o vinho permanecem presentes na ceia simultaneamente com o corpo e o sangue de Cristo.

✓Zwinglio

Zwinglio vê na ceia cristã o simples memorial que comemora o sacrifício único e infinitamente suficiente de Cristo. Calvino queria mais do que uma presença somente simbólica à maneira de Zwinglio, mas repudiou não só a posição católica como a luterana.

✓Calvino

Para Calvino, a "substância" não se refere a um substrato invisível na matéria do objeto, mas significa a realidade profunda de um ser. O pão e o vinho não só representam a comunhão com o corpo e o sangue de Cristo, mas também "apontam" a realidade desse significado. O que Calvino rejeitou foi a ideia da "presença local"; ele acreditava no Espírito Santo e não num fenômeno especial, para relacionar diretamente o comungante com o Cristo vivo.

✓Anglicanismo

O anglicanismo adotou o essencial das posições da Reforma. A confissão anglicana conserva dois sacramentos (batismo e ceia), proíbe as procissões solenes do Santíssimo Sacramento e a adoração das espécies consagradas. O corpo do Senhor é recebido mediante a fé (conceito calvinista).

De maneira geral, os protestantes aceitam as noções de Calvino e Zwinglio.

Antes de finalizarmos este estudo é necessário fazer um adendo sobre a posição de Lutero. Apesar de ter sido levantado por Deus, Lutero, no princípio, não pretendia separar-se da Igreja Católica, mas reformá-la por dentro. Tendo esse pano de fundo histórico, podemos entender por que ele não abdicou de certas noções católicas. Ele representava a primeira geração dos reformadores e, por isso, muitas coisas ainda estavam enraizadas profundamente nele. Somente com o decorrer do tempo é que a doutrina da Reforma foi se purificando mais e mais. É bem parecido com o que aconteceu com o cristianismo em relação ao judaísmo no começo de sua história. Esse problema já não aparece nas gerações posteriores dos reformadores, que foram lapidando os lapsos teológicos do catolicismo dentro do protestantismo.

Capítulo 6

▼ Os objetivos da Igreja

A igreja é uma comunidade composta por vários segmentos da sociedade, por várias famílias, por uma diversidade de pessoas, envolvendo uma vasta gama cultural, hábitos e costumes. Cada pessoa que aceita a Cristo e começa a fazer parte desta comunidade, aos poucos mostra as variedades de hábitos, próprios até do nosso vasto sistema geográfico.

Contudo, a igreja deve promover a paz e harmonia, em meio a tantas diferenças, e explicitar aos seus membros que ela tem uma missão, um objetivo, um ideal. Este objetivo é interno e externo.

Para o bom funcionamento organizacional e espiritual da igreja é relevante que ela observe, na prática, as regras e o ensino que irão nortear os cristãos que a frequentam. Como já falamos sobre a Ceia do Senhor e o Batismo, notemos que existem mais doutrinas que devem ser praticadas entre os crentes, e estimuladas pela igreja. Vejamos:

A instrução bíblica

As Escrituras Sagradas são a primazia no ensino eclesial e na vida cristã de cada membro. Seus efeitos na vida da pessoa que aceita o Evangelho e declara fé cristã em Jesus são perenes: "Sendo de novo gerados, não de semente corruptível, mas da incorruptível, pela palavra de Deus, viva, e que permanece para sempre" (1Pe 1.23).

A explicação dada pelos estudiosos materialistas ao ser humano que vivia em estado deplorável e agora vive uma "mágica" transformação, não passa de subterfúgios para negar a veracidade e a realidade do que o Evangelho, por meio do ensino da Palavra de Deus, produz na pessoa: "Assim que, se alguém está em Cristo, nova criatura é; as coisas velhas já passaram; eis que tudo se fez novo" (2Co 5.17).

Esta mudança é incitada originalmente pela fé, por meio da Palavra de Deus: "De sorte que a fé é pelo ouvir, e o ouvir pela palavra de Deus" (Rm 10.17). A palavra de Deus é luz: "Lâmpada para os meus pés é tua palavra, e luz para o meu caminho" (Sl 119.105). Ela penetra no íntimo do ser humano: "Porque a palavra de Deus é viva e eficaz, e mais penetrante do que espada alguma de dois gumes, e penetra até à divisão da alma e do espírito, e das juntas e medulas, e é apta para discernir os pensamentos e intenções do coração".

Charles Hodge, importante teólogo, disse que "as nações onde a Bíblia é desconhecida permanecem em trevas". A palavra de Deus, o ensino bíblico, deve ocupar relevante destaque nas igrejas, e a prática de seus ensinos, por parte dos membros, deve ser vivenciada no dia-a-dia.

A harmonia fraternal

A comunhão entre as pessoas que professam a mesma fé cristã, e vivem no mesmo ambiente comunitário, está claramente ordenada nas Escrituras Sagradas: "Oh! quão bom e quão suave é que os irmãos vivam em união" (Sl 133.1). Não é cristão o comportamento e as atitudes dos que visam vingança, ódio, traição, intriga, calúnia, mentira, etc, e ainda mais, no mesmo convívio e ambiente, onde o objetivo deve ser espalhar a valia da boa convivência.

Esta cooperação entre os crentes na igreja deve ser mútuo: "Levai as cargas uns dos outros, e assim cumprireis a lei de Cristo" (Gl 6.1). No início da igreja cristã primitiva, os irmãos interagiam demonstrando que estavam preocupados uns com os outros: "E, perseverando unânimes todos os dias no templo, e partindo o pão em casa, comiam juntos com alegria e singeleza de coração, louvando a Deus, e caindo na graça de todo o povo. E todos os dias acrescentava o Senhor à igreja aqueles que se haviam de salvar" (At 2.42).

Evangelismo

A queda do homem, no Jardim do Éden, não "pegou Deus de surpresa", pois o Redentor já estava preparado desde a fundação do mundo: "E adoraram-na todos os que habitam sobre a terra, esses cujos nomes não estão escritos no livro da vida do Cordeiro que foi morto desde a fundação do mundo" (Ap 13.8).

Quando Deus escolheu a nação de Israel, tinha em mente que esta propagasse a salvação entre todas as gentes. Vemos isso mediante Abraão (Gn 12.1-3), na responsabilidade que os hebreus tinham de intermediar entre Deus e os homens (Ex 19.5,6), na exposição do nome do verdadeiro Deus face aos falsos deuses (1Sm 17.45,46), e por todo o Antigo Testamento.

No período neotestamentário, temos em Jesus o exemplo do maior missionário que o mundo já teve. Basta lermos os quatro evangelhos para presenciarmos suas curas, milagres, provisões, pregações, tudo enfatizando o evangelismo, a salvação de almas. Antes de ser crucificado, Jesus enviou os discípulos ao trabalho de evangelização (Mt 10; Mc 6.7-13; Lc 9) e, após a sua ascensão, prosseguiu enfocando a necessidade de anunciar o Evangelho (Mt 28.19,20; Mc 16.15,16). É responsabilidade da liderança eclesiástica doutrinar os membros a respeito do evangelismo, e é da competência do povo de Deus levar a efeito tão sublime tarefa.

Adoração

A igreja de Cristo tem a incumbência de adorá-lo em espírito e em verdade: "Deus é Espírito, e importa que os que o adoram o adorem em espírito e em verdade" (Jo 5.24). Deve ficar bem claro que não podemos confundir o ritual litúrgico das igrejas com o ato de adorar ao Senhor. As formalidades no culto judaico tornaram-se tão amparadas pelos sacerdotes, que acabaram excedendo a verdadeira essência da adoração. Adorar a Deus é muito mais profundo que simplesmente cantar, pregar, evangelizar, etc. Tudo isso é importante, mas se não houver integridade na adoração, isso de nada vale.

▼ Conclusão

O conceito eclesial é muito superior às organizações que compõem as sociedades existentes no mundo atual. É por isso fundamental saber todos os ensinos pertinentes a ele. Como podemos observar, o estudo da eclesiologia (Doutrina da Igreja) é de vital importância para todo e qualquer membro da Igreja de Cristo. No entanto, infelizmente, o privilégio desse saber está restrito a poucos, pois a grande maioria não tem o privilégio de cursar um ensino teológico.

A igreja, como comunidade local, deve lutar e se esforçar para proporcionar o bem estar espiritual e social de nossa sociedade e, como sal da terra e luz do mundo, deve ela influenciar os meios em que vive e ser diferente do mundo secularizado. É exatamente isto o que reclama a definição do termo "igreja", "tirado para fora", neste caso, do sistema anárquico secular para anunciar que Deus tem "um povo especial, zeloso e de boas obras" (Tt 2.14).

Esta influência é possível, principalmente, porque Cristo é o principal fundamento em que a igreja está alicerçada. Tendo ele, como a "principal pedra da esquina", somos as "pedras vivas" deste grande edifício, que é a igreja. Contudo, apesar de sermos "a geração eleita, o sacerdócio real, a nação santa, o povo adquirido", isto não implica que todos os que fazem parte da igreja visível necessariamente componham a Igreja invisível de Cristo. Atentemos para este fato. Os salvos, dentro da igreja, são a igreja que Deus vê.

Observamos também alguns pontos doutrinários e litúrgicos que são diferentes em cada igreja. Em se tratando de doutrinas bíblicas fundamentais, a uniformidade deve ser acentuada, entretanto, em práticas litúrgicas, cada denominação observa determinados procedimentos.

Acreditamos que este estudo servirá de proveito para a edificação de cada aluno. Esperamos que cada estudante, representado como igreja, exerça o seu papel de legítimo herdeiro das bênçãos celestiais. Ser uma igreja (dos salvos), dentro de outra igreja (comunidade local), é o nosso maior objetivo.

▼ Referências bibliográficas

- ✓CHAFER, Lewis Sperry. *Teologia sistemática*. São Paulo: Editora Hagnos,2003.
- ✓CHAMPLIN,R.N & BENTES, João Marques. *Enciclopédia de Bíblia, teologia e filosofia*. São Paulo: Editora Candeia, 1997.
- ✓ERICKSON, Millard J. *Introdução à teologia sistemática*. São Paulo: Edições Vida Nova, 1997.
- ✓GRUDEM, Wayne. *Teologia sistemática*. São Paulo: Edições Vida Nova,1999.
- ✓HAYES, E. *A igreja: o corpo de Cristo no mundo de hoje*. São Paulo: Editora Hagnos, 2002.
- ✓HODGE,Charles. *Teologia sistemática*. São Paulo: Editora Hagnos,2001.
- ✓HORTON, Stanley M. *Teologia sistemática*. Rio de Janeiro: CPAD, 1997.
- ✓NINOT, Pié Salvador. *Introdução à eclesiologia*. São Paulo: Edições Loyola, 1998.
- ✓REIS, Aníbal Pereira. *Pedro nunca foi Papa*. Cidade: Edições Caminho de Damasco, 1975.
- ✓OLIVEIRA, Raimundo de. *As grandes doutrinas da Bíblia*. Rio de Janeiro: CPAD, 1987.



www.saberefe.com
Acesse agora!